

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DAS PRÁTICAS LÚDICAS
E RECREATIVAS EM IDOSOS**

**JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS DAS NOSSAS AVÓS:
UM ESTUDO DO GÊNERO**

Monografia de licenciatura realizada
no âmbito do seminário das “práticas
lúdicas e recreativas em idosos”, no
ano lectivo de 2003/2004

Monografia coordenada por: Prof. Doutor Paulo Coelho de Araújo

Monografia orientada por: Mestre Ana Jaqueira

AGRADECIMENTOS

Gostaria de dirigir o meu primeiro agradecimento ao Professor Doutor Paulo Coelho de Araújo pelo apoio e pertinência das suas observações, pelas sugestões e conselhos oportunos, pelo muito que com ele aprendemos. Foi um privilégio termos tido a sua orientação.

À Mestre Ana Jaqueira pelas sugestões, conselhos oportunos, observações pertinentes, pelo incentivo e motivação constantes.

Ao lar de idosos, na pessoa do seu provedor, pela colaboração e facilidades concedidas.

Aos idosos que colaboraram connosco partilhando um pouco das suas vidas.

Para a minha família vão os mais profundos agradecimentos por todo o seu apoio e incentivo.

A todos os meus amigos agradeço com amizade.

“A vida não se aprende nos livros”

Eduardo Sá – Psicólogo

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – AS QUESTÕES SÓCIO POLITICAS E O LÚDICO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	10
1 – CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-POLITICA E ECONÓMICA DA ÉPOCA ..	10
2 – JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS	14
2.1 – DESENVOLVIMENTO DOS CONCEITOS	14
2.2 – A APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA ACTIVIDADE LÚDICA	16
2.3 – A ACTIVIDADE LÚDICA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	23
CAPÍTULO II – DO CONCEITO DE IDOSO AO IDOSO E O LÚDICO: UMA PERSPECTIVA GLOBAL	25
1 - O CONCEITO DE IDOSO E O ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO	25
2 - O IDOSO E O LÚDICO	29
3 – CARACTERIZAÇÃO DO LAR DE IDOSOS	30
CAPÍTULO III – METODOLOGIA	32
1 – OPÇÕES METODOLÓGICAS	32
1.1 – OBJECTIVOS	32
1.2 – JUSTIFICAÇÃO	33
1.3 – DELIMITAÇÃO DA AMOSTRA	33
1.4 – DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO	34
1.5 – PROCEDIMENTOS	34
1.6 - TRATAMENTO, ANALISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	36

CAPÍTULO IV – ANÁLISE, APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	38
1 – CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	38
2 - CARACTERIZAÇÃO DAS CONDIÇÕES SOCIAIS POLITICAS E CULTURAIS DO PAÍS DO PONTO DE VISTA DAS IDOSAS	41
3 - JOGOS, BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS DAS ENTREVISTADAS	44
3.1 – JOGOS E AS BRINCADEIRAS	45
3.2 – BRINQUEDOS	52
CONCLUSÕES E SUGESTÕES	58

BIBLIOGRAFIA

ANEXOS

APÊNDICES

ANEXOS

ANEXO 1 - Teorias do jogo e do brincar

ANEXO 2 - Pedido de autorização para a aplicação da entrevista

ANEXO 3 - Protocolo de uma entrevista

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Questionário

APÊNDICE 2 – Matrizes de categorias, subcategorias e indicadores

APÊNDICE 3 - Quadros síntese dos jogos, brinquedos e brincadeiras

APÊNDICE 4 - Fichas dos jogos e brincadeiras

APÊNDICE 5 - Quadros com informação global dos jogos, brinquedos e brincadeiras

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição da amostra segundo a idade	38
Gráfico 2 - Distribuição da amostra quanto à zona de residência durante a infância .	39
Gráfico 3 - Distribuição da amostra quanto à localidade de residência durante a infância	39
Gráfico 4 - Distribuição da amostra segundo o nível de escolaridade	40
Gráfico 5 - Noção da situação política	41
Gráfico 6 - Papel da mulher	42
Gráfico 7 - Condicionantes das expressões lúdicas	43
Gráfico 8 - Jogos mencionados pelas entrevistadas	46
Gráfico 9 - Brincadeiras mencionadas pelas entrevistadas	46
Gráfico 10 - Local de realização das actividades lúdicas	47
Gráfico 11 - Aprendizagem das actividades lúdicas	48
Gráfico 12 - Intervenientes nas actividades lúdicas	49
Gráfico 13 - Material utilizado nas actividades lúdicas	50
Gráfico 14 - Tempos destinados às actividades lúdicas	51
Gráfico 15 - Brinquedos utilizados pelas entrevistadas	52
Gráfico 16 – Quem confeccionava as bonecas	53
Gráfico 17 – Local da brincadeira com as bonecas	55

INTRODUÇÃO

Os jogos, brinquedos e brincadeiras populares/tradicionais vêm de sempre e observam-se em todos os lugares. Ao longo dos tempos este tipo de actividades lúdicas sempre fizeram parte dos momentos de lazer e de prazer das civilizações, cada uma com o seu ritual e com a sua cultura, servindo muitas vezes para estabelecer relações sociais, descansar das agruras do trabalho ou só pelo prazer de jogar e de se divertir.

Mas no início do século XXI na era das telemáticas e das comunicações à distância o que nos resta destas tradições lúdicas? De que forma eles ainda estão presentes na memória colectiva?

Pensamos que estes jogos se foram desvanecendo aos longo dos tempos no colectivo, no entanto, parece-nos, que actualmente através de associações, grupos de moradores ou grupos folclóricas se tem tentado reavivar estas tradições.

O presente trabalho tenta explorar de que modo jogavam e brincavam as nossas avós, e se estas tradições ainda permanecem vivas na sua memória. Que brinquedos utilizavam? Porque muitas vezes o brinquedo, o jogo ou a brincadeira não era um mero objecto de prazer ou apenas um momento lúdico, mas a própria produção do brinquedo pela criança era já uma brincadeira (Amado, 2002).

Assim, os nossos objectos de estudos são os jogos, brinquedos e brincadeiras das mulheres idosas, quando eram crianças, sendo definidos como objectivos do nosso trabalho, identificar os jogos brinquedos e brincadeiras das idosas durante a sua infância/adolescência, caracterizar hábitos e costumes numa época definida bem como o contexto sócio-político e cultural da época.

O desenvolvimento deste trabalho encontra-se estruturado em IV capítulos. No primeiro capítulo abordamos as questões sociais, políticas e económicas da primeira metade do século XX para podermos enquadrar as nossas entrevistadas, procurando identificar os vários conceitos de jogos, brinquedos e brincadeiras uma vez que, vários autores referem que por vezes existe alguma confusão entre jogo e brincadeira, fazendo ainda referência à aprendizagem através da actividade lúdica.

No segundo capítulo reflectimos sobre o conceito de idoso e o idoso e o lúdico, bem como a caracterização do lar de idosos tentando ver esta temática numa perspectiva global e em que fazemos referência ao envelhecimento da população como uma solução inevitável.

O capítulo III diz respeito à metodologia. O nosso tipo de investigação insere-se na investigação qualitativa, sendo uma pesquisa básica e ex-post facto. As fontes de informação a que recorremos foram a pesquisa de campo através da entrevista semi-estruturada, constituída por 3 partes fundamentais: uma destinada à caracterização da amostra, outra com perguntas de orientação que se destinam à caracterização das condições sócio-político-culturais do país e uma terceira que se refere à identificação dos elementos do estudo: jogos, brinquedos e brincadeiras. A nossa amostra é constituída por 10 elementos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 75 e os 80 anos residentes no lar de idosos da santa casa da misericórdia de Condeixa-a-nova.

No capítulo IV é feita a apresentação dos dados, análise e discussão dos resultados, onde procuramos analisar o que “foi dito” pelas idosas tentando compreender e interpretar as suas palavras e sempre que possível fazemos a comparação com a bibliografia consultada.

Por último apresentamos algumas conclusões a que chegamos no final do nosso trabalho. Identificámos que os principais jogos, brincadeiras e brinquedos da infância das nossas entrevistadas são o anel-anelinho, as escondidas e a boneca de trapos, respectivamente. Em relação ao contexto sócio-político e cultural da época as inquiridas referem que possuíam pouca noção da situação política.

CAPÍTULO I

AS QUESTÕES SÓCIO POLÍTICAS E O LÚDICO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.

Neste capítulo será feita uma abordagem às questões sociais e políticas da primeira metade do século XX pelo facto do nosso estudo se reportar à forma como brincavam as crianças nessa altura, e por estas questões influenciarem o comportamento das pessoas mesmo na área do lúdico. Abordar-se-á também o que se entende por jogo brinquedo e brincadeira, pois os seus significados e as formas como se desenvolveram vão evoluindo ao longo do tempo.

1 – CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-POLÍTICA E ECONÓMICA DA ÉPOCA

A 5 de Outubro de 1910, após uma série de acontecimentos que viriam a culminar no regicídio do rei D. Carlos e do príncipe herdeiro D. Luís Filipe, é proclamada a república portuguesa. Este acontecimento marca o virar de uma página importantíssima na história nacional. A monarquia passava a pertencer ao passado.

O governo provisório que se gerou na altura implementou algumas medidas inovadoras, radicais e marcantes, já que algumas delas ainda se mantêm nos dias de hoje, entre elas a lei da separação do estado da igreja; introdução do divórcio; direito à greve, substituição da bandeira e do hino nacional.

No entanto, a primeira república (1910-1926) foi marcada por uma grande instabilidade: 45 governos, 7 eleições legislativas, 8 mandatos presidenciais com apenas um levado a seu termo. A participação de Portugal na I Guerra Mundial acabou por ser mais um factor que contribuiu para o agravamento da crise no país, gerando um clima de descontentamento e insatisfação.

Perante o agravamento da crise na década de 20, muitos sectores da população defendiam uma ditadura militar (monárquicos, conservadores, republicanos desiludidos, classe média), isto é, um governo tutelado pelos militares, sem a participação dos

órgãos do poder eleito, sem pluralismo democrático e com suspensão de muitas liberdades individuais. Nesta década o país degrada-se progressivamente, a receita pública diminuía, a bancarrota ameaçava abater-se sobre o país e os estratos sociais estavam descontentes, devido a perda do poder de compra. Face a isto e a muitos outros problemas, não tardou a que parte da opinião pública começasse a apelar para que o exército interferisse abertamente na política.

Assim a 28 de Maio de 1926, um golpe militar, liderado pelo General Gomes da Costa, pôs fim ao regime republicano, tendo-se então estabelecido em Portugal uma ditadura militar. Terminava a Primeira República .

A Revolução de 1926 e o Estado Novo constituíram uma indispensabilidade nacional resultante da situação caótica e de ruptura a que a Primeira República havia conduzido o país, em todos ou quase todos os sectores. O governo foi ficando completo e o lugar de Ministro das finanças foi ocupado por António Oliveira Salazar.

Nos anos seguintes à sua posse Salazar foi ganhando prestígio através de uma reorganização das finanças públicas, sendo publicado a 1 de Agosto de 1928 o primeiro orçamento sem défice e no ano seguinte as receitas do estado eram já significativamente superiores às despesas.

A primeira providência tomada pelo novo regime em matéria de instrução, isoladamente, fora do contexto legislativo reformador dos estudos, decorridos apenas onze dias depois do levantamento militar, foi a proibição da co-educação no ensino primário elementar, em que *“os novos dirigentes consideravam de tal gravidade a presença de meninos e de meninas nas mesmas salas de aulas”* tal como atesta Carvalho (1986, p. 729).

A disposição legal tem a data de 1926 e nela determina que em todos os centros populacionais com mais de 9500 habitantes se proceda à separação dos rapazes e das raparigas, a não ser que seja de todo impossível no local, a existência de duas escolas, uma masculina e outra feminina.

A primeira reforma do ensino primário saído do antigo regime data de 1927. O esquema deste grau de ensino herdado da última reforma da I República consistia em três escalões: o ensino infantil que era facultativo, dos 4 aos 7 anos; o ensino primário geral, obrigatório, dos 7 aos 12 anos, formado por cinco classes e o ensino primário superior, dos 12 aos 15 anos, formado por três classes. A reforma de 1927 alterou-os provocando de imediato uma redução de dois anos no total da referida escolaridade, no entanto o ensino infantil não foi alterado, o que não teve relevância porque não existia,

como refere Carvalho (1986). O ensino primário geral, passou a ser chamado de elementar, continuou a ser obrigatório como antes mas foi reduzido um ano, dos 7 aos 11 anos e o superior passou a ser designado de complementar, também reduziu um ano, dos 11 aos 13 anos.

Esta reforma em breve sofreu novas alterações, entre elas o grau elementar de ensino primário. Por decreto-lei, estabeleceu-se que dos quatro anos de ensino apenas três eram obrigatórios e o quarto ano consistia numa complementaridade. Assim, este decreto-lei divide o ensino primário elementar em dois graus, dos quais o primeiro é constituído pelas três primeiras classes a que passa a corresponder um exame final e um outro grau complementar não obrigatório.

A 5 de Julho de 1932 é constituído um outro governo. Neste Salazar acumulava o lugar de Presidente do Conselho de Ministros com o de Ministro da Guerra.

No decorrer de 1932 e 1933 deram-se os últimos passos para a modelação do estado autoritário e corporativo, sendo nesse mesmo ano publicado a nova constituição, seguindo-se a esta o estatuto do trabalho nacional e toda uma série de medidas organizativas do estado corporativo. (Marques, 1996)

Com uma ideologia marcadamente conservadora, o Estado Novo orientava-se segundo os princípios consagrados pela tradição: Deus, Pátria, Família, Autoridade, Hierarquia, Moralidade, Paz Social e Austeridade.

A grande estabilidade política e económica que o país atravessou no período temporal do Estado Novo, permitiu a concretização de um vasto programa de obras públicas de reconhecida grandiosidade apresentadas como sinais visíveis do êxito da nova situação política.

A ditadura era apoiada por grande parte da população, mas à medida que tendências monárquicas e fascistas começaram a aparecer, um maior número de pessoas passaram a interrogar-se sobre os perigos deste novo regime. A pouco e pouco o controle do governo por Salazar atingiu problemas políticos e militares. Durante muito tempo verificaram-se inúmeros protestos, manifestações, revoltas e houve muitas prisões, a policia passou a interferir cada vez mais na vida das pessoas, chegando a matar centenas e a encerrar nas prisões indivíduos que eram contra as suas políticas.

Em 1937 a vida desta II República já causava dificuldades aos portugueses, onde no dia a dia começavam a surgir os efeitos da ditadura, entre elas, dificuldades nos transportes, nas comunicações, restrições no comercio etc.

No que se refere à agricultura, Portugal apresenta-se durante o período republicano com uma agricultura rotineira, que não havia sido tocada pela mecanização nem pelos novos métodos de cultivo. As medidas proteccionistas para o aumento da produção nacional, defendendo-a da concorrência estrangeira, foram uma constante do governo republicano. Oscilando entre uma política de proteccionismo e outra de liberalismo, Portugal debatia-se com uma situação bastante problemática, chamada a questão do pão.

Quando Salazar tomou conta do poder em 1928 a questão financeira constituía preocupação obsessiva. Equilibrar o orçamento fazia parte de todos os programas partidários. A política Salazarista conseguia reduzir as despesas mediante severas economias e aumentar a receita através da criação de alguns novos impostos e de uma melhor administração dos dinheiros públicos.

Até à eclosão da segunda guerra as receitas mantiveram-se quase estacionárias. Sendo Portugal um país neutro, pode vender os seus produtos sem grande necessidade de despesas e em 1946 as receitas públicas tinham duplicado. (Marques, 1996)

O papel da indústria nos artigos exportados subiu de um terço para dois terços desde 1926 até a década de sessenta. Portugal continuava a receber toda a casta de produtos manufacturados, matérias-primas e produtos alimentares.

A alta burguesia foi protegida e acarinhada pelo regime Salazarista e Caetanista até ao fim. Os industriais, banqueiros e latifundiários foram também favorecidos. A média e a pequena burguesia oscilaram e fraccionaram-se na sua consciência de classe, no seu poder económico e no apoio ao regime. Quanto à média e à pequena burguesia rurais, essas viram o declínio gradual da sua posição económica, e o preço das infraestruturas ia aumentando desproporcionalmente em relação aos bens produzidos.

Em 1936 dá-se uma remodelação que era constituída por doze bases. Um das bases trata da educação que *“privilegia a educação em detrimento da instrução”* (Carvalho, 1986, p. 754). Outra das bases fala dos jovens de Portugal, em que *“será dada à mocidade portuguesa uma organização nacional e pré-militar que estimule o desenvolvimento integral da sua capacidade física a formação do carácter e a devoção à pátria”* (p. 755)

O regulamento da organização da mocidade portuguesa data de 4 de Dezembro de 1936 e de acordo com um dos seus artigos deveria abranger obrigatoriamente todos os portugueses estudantes ou não, desde os 7 aos 14 anos. Foi criado um regulamento específico, mas era só destinado aos elementos do sexo masculino. O regulamento do

sexo feminino viria mais tarde, em 1937, sendo este relativamente igual ao masculino, mas com as particularidades derivadas do sexo.

Nos dez anos decorridos desde 1930 a 1940 o analfabetismo baixou. Notou-se o aumento da percentagem da frequência feminina, nos anos de 1926 e 1940, com a respectiva diminuição da frequência masculina.

A ascensão do sexo feminino ao ensino primário não se reconhece apenas nas aulas, mas também nas professoras, onde se verificou um relativo aumento deste sexo no ensino, constatando-se um aumento da presença feminina na escola, tanto no corpo docente como no corpo discente. (Carvalho, 1986)

2 – JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

2.1 – DESENVOLVIMENTO DOS CONCEITOS

A criança encontra-se com o mundo de corpo e alma através da brincadeira. recebe dele elementos importantes para a sua vida, desde os mais insignificantes hábitos, até aos factores determinantes da cultura de seu tempo. (Bertoldo & Ruschel, 2000)

Quando é feita a pergunta: "- *Vamos brincar?*" ou: "-*Vamos jogar?*", estamos a falar de duas palavras com o mesmo significado ou, quem pergunta está a propor duas actividades, que por serem distintas, podem dividir o grupo, entre os que responderão "*eu prefiro brincar*" e os que dirão "*eu quero jogar*"?

Certamente encontraremos pessoas que utilizam as palavras jogo, brinquedo e brincadeira como sinónimos. Outras, no entanto, fazem diferença entre elas, transferindo essa diferença para a sua própria história de vida. Assim, as autoras referidas explicam que há pelo menos dois aspectos implicados nessa questão. O primeiro diz respeito às palavras poderem assumir diferentes significados desde a nossa infância, bem como ao longo da nossa fase adulta. O segundo, refere-se aos diferentes significados que uma mesma palavra pode assumir ao longo dos tempos.

Se pegarmos num dicionário de há 50 anos atrás, certamente o significado das palavras jogo, brinquedo e brincadeira estarão impregnadas de uma visão da época.

Segundo Kishimoto (1999) cada contexto social constrói a imagem de jogo, brinquedo e brincadeira, consoante os seus valores e estilos de vida.

Fazendo uma comparação entre os termos jogo, brinquedo e brincadeira em contextos culturais diferentes, será que o significado é igual?

Brinquedo

Segundo a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (1960) brinquedo significa um “...*objecto com que brincam as crianças, joguete, brinco (...) brincadeira, divertimento, folguedo, jogo*”. Actualmente e segundo o Dicionário da Língua Portuguesa de 1998, o brinquedo é conotado como o “...*objecto com que as crianças se divertem ou brincam.*”

O termo em si não sofreu evolução ao longo do tempo, e é um dos elementos que revela a cultura, os valores, as crenças e concepções do mundo de cada povo e tempo histórico (Volpato, 2002)

O próprio brinquedo, enquanto objecto, tem evoluído ao longo dos tempos, desde a antiguidade até aos dias de hoje, tendo muitos brinquedos nascido do espírito de imitação das crianças, que as levou a imitar as atitudes dos adultos, transpondo-as para uma escala menor.

Brincadeira

Segundo a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (1960) brincadeira significa “...*acção de brincar, jogo, divertimento (...) parte para fazer rir, partida (...) e ou por brincadeira, sem ser a sério, a brincar.*” Já o Dicionário da Língua Portuguesa (1998) reporta a brincadeira ao “...*acto de brincar, divertimento de crianças, folguedo, gracejo, bailarico.*”

Este termo também não sofreu grandes alterações, nem evoluções ao longo dos tempos, apenas as brincadeiras e as formas de brincar é que tem evoluído. Segundo Leontiev (1988) citado por Volpato (2002) a brincadeira evolui, porque o mundo objectivo que a criança conhece está continuamente a expandir-se.

Jogo

O jogo segundo a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (1960) é definido como *“tudo quanto se faz para recreio do espírito; distracção, divertimento, brinco, folguedo, brincadeira, brinquedo: os jogos da meninice; jogos inocentes (...) são inúmeros os chamados jogos da infância e os jogos de sala. Citaremos os: da cabra-cega, da barra, das escondidas ou escondarelo, de agarrar, de mão, do pião, do gato e do rato, do chicote queimado, dos cinco cantinhos, do anel, da sardinha, do eixo, do homem, de prendas, etc....”*

Aproximando da actualidade, segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (1998) ao jogo dá-se o significado de *“...passatempo em que de ordinário se arrisca dinheiro ou outra coisa, divertimento, folguedo, o que serve para jogar determinado jogo; espectáculo desportivo, escárnio, motejo; dito chistoso...”*

Podemos afirmar que houve uma evolução do termo “*jogo*”. Enquanto que em 1960 o jogo era considerado mais como lazer, divertimento e distracção, hoje em dia esse mesmo termo tem uma conotação economicista e pouco tem de divertimento, isto pelo facto de hoje em dia estarmos numa sociedade que super-valoriza o trabalho em detrimento do lazer e que atribui ao tempo um valor financeiro.

Quando queremos desvendar os significados atribuídos aos jogos, brinquedos e brincadeiras, precisamos de conhecer os processos de inserção na cultura de cada um dos seus participantes.

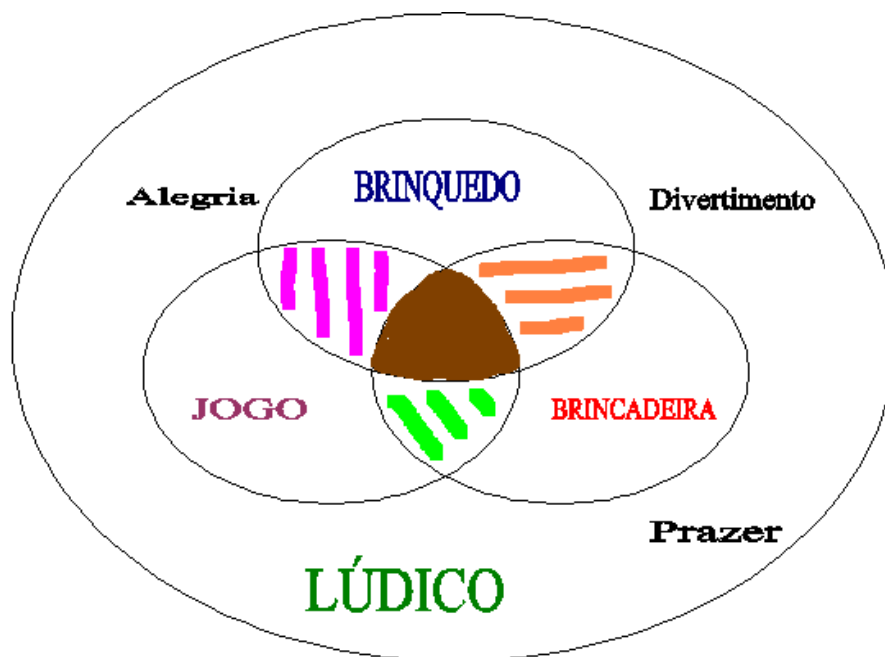
2.2 – A APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA ACTIVIDADE LÚDICA

A palavra lúdica vem do latim “*ludos*” e significa brincar. O lúdico é uma categoria geral de todas as actividades que tem características de jogo, brinquedo e brincadeira.

Segundo Porto (2003) o jogo pressupõe uma regra, o brinquedo é um objecto manipulável e a brincadeira o acto de brincar com o brinquedo ou mesmo com o jogo. Para esta autora, jogar também é brincar, e pode existir por meio do brinquedo, se as

crianças lhe impuserem regras, percebendo-se, pois, que jogo, brinquedo e brincadeira tem conceitos distintos, todavia estão sobrepostos, ao passo que o lúdico engloba todos eles.

Podemos apresentar esta relação entre jogos brinquedos e brincadeiras descritas pela autora, no seguinte diagrama por nós elaborado e interpretado.



Como podemos verificar no diagrama, existem áreas distintas de intercepção entre os jogos, brinquedos e brincadeiras. É nestas áreas que o brinquedo se transforma em jogo ou brincadeira, que a brincadeira se transforma em jogo ou brinquedo e que o jogo se transforma em brinquedo ou brincadeira, havendo uma área central comum, onde todas estas actividades lúdicas interagem entre si, não se distinguindo uns dos outros. No entanto os jogos, brinquedos e brincadeiras fazem parte de um contexto lúdico que gera diversão, alegria e prazer.

Independente da época, da cultura e da classe social, os jogos, os brinquedos e as brincadeiras fazem parte da vida dos seus intervenientes, sendo a actividade lúdica tão antiga quanto a história da própria infância, encontrando-se presente na cultura de todos os povos.

Remontando-nos ainda mais ao passado, na Grécia Antiga e no Egipto as actividades lúdicas faziam parte das actividades quotidianas dos adultos, nesse período a criança não era valorizada, sendo submetida até a sacrifícios religiosos.

Com o advento do cristianismo, acontece uma revolução cultural cujo principal factor é o religioso, a criança passa a ser ora valorizada, ora marginalizada e para educá-la eram consideradas as necessidades do mundo adulto, que nada tinham a ver com o desejo da criança de brincar.

Na idade média a criança era vista como um adulto em miniatura, portanto não havia diferença entre os jogos e brincadeiras destas e dos adultos, sendo esta imagem modificada a partir do século XVII onde se percebe que ela é um ser distinto do adulto e que possui valores próprios como a fantasia, a ingenuidade, a comunicação e a igualdade. Descoberta como ser individualizado, percebe-se que é necessária uma educação diferenciada, que utilize actividades lúdicas e jogos educativos, que possam servir de suporte para a didáctica.

Hoje a ludicidade tem uma conotação diferente daquela que considerava o brincar como algo pejorativo, para transformar-se num tema de real significação para todas as pessoas.

Segundo Porto (2003) a história tem várias interpretações, não sendo portanto única e linear. Os povos viveram processos distintos de desenvolvimento, e era atribuído, diferentes noções de família, e de criança/adolescente. Tal facto e segundo a autora, leva-nos a perceber que os significados e valores dados aos jogos, brinquedos e brincadeiras vão variar de acordo com o tempo e com o contexto.

Diversos autores tentam definir o jogo, brinquedo e brincadeira mas acabam num único consenso, de que é realmente complicado chegar a um conceito decisivo sobre o tema, todavia consideram tais actividades fundamentais para o desenvolvimento dos indivíduos e particularmente da criança, estimulando a curiosidade, a iniciativa, a autoconfiança e ainda proporcionando aprendizagens e desenvolvimento da linguagem, assim, *“através do jogo a criança desenvolverá a capacidade de perceber as suas atitudes de cooperação, oferecendo (...) oportunidades de descobrir os seus recursos e testar habilidades”*. (Adamuz et al, 2000, p. 158)

Tendo em consideração as crianças, a mesma autora entende que a brincadeira é a melhor maneira desta comunicar e relacionar-se com os outros indivíduos, aprendendo sobre o mundo que a rodeia e interagindo com ele, reconhecendo-se a si própria nesta acção e aceitando e existência do outro, promovendo relações emocionais e social.

Existem vários tipos de jogos e em número variado, como refere Callois (1990), este *“contribui para uma atmosfera de descontração ou de diversão. “Acalma e*

diverte” (p, 9) sendo um excelente escape de distração da vida real e proporcionando momentos de lazer.

São variados os significados da palavra “jogo”. Segundo o mesmo autor, todo o jogo “*é um sistema de regras que definem o que é e o que não é do jogo*” (p, 11) e se forem violadas essas regras o jogo acaba, porque o que faz impor a regra é a simples vontade de jogar.

O jogo ao contrário do que se afirma, não é aprendizagem para o trabalho, só antecipa as actividades do adulto e não prepara para uma profissão, apenas introduz a criança na vida.

O jogo deve ser definido, na opinião de Callois (1990) como “*uma actividade livre e voluntária, fonte de energia e divertimento*” (p, 26) e se alguém fosse obrigado a participar deixaria de ser considerado jogo.

Podemos definir então o jogo como uma actividade livre, uma vez que ninguém é forçado a jogar; delimitada, porque está circunscrita ao espaço e ao tempo; incerta, porque não se sabe como se vai desenrolar e qual será o resultado; improdutiva, porque não gera bens nem riqueza, regulamentada, porque está sujeita a normas e a regras, fictícia porque é acompanhada de uma consciência específica de uma realidade ou outra.

Segundo Callois (1990) pode-se fazer uma divisão dos jogos em quatro categorias, entre eles Agôn, Álea, Mimicry e Ilinix, apresentando características distintas umas das outras, mas podendo co-existir, isto porque alguns jogos podem englobar mais do que uma categoria.

Em relação aos brinquedos, Pires & Pires (1992, p. 380) diz que estes “*são verdadeiros indicadores arqueológicos de cultura*”, e ajudam-nos a entender as diferentes maneiras de integração da criança na sociedade.

O brinquedo constitui-se na própria essência da infância, sendo extremamente dinâmico e favorece comportamentos espontâneos e improvisados. Nicolau (1988), citado por Gáspari (2004) refere que o brinquedo funciona como um meio natural, com o qual a criança pode explorar o mundo, descobrir, entender e sentir os seus próprios sentimentos e ideias, bem como construir conceitos, ideias e aprender a realidade. Assim, o brinquedo é considerado como um processo e não tanto como um produto, porque cria um desafio à criança, envolvendo-a emocionalmente, englobando o aparelho motor e integrando-a no ambiente em que esta se encontra.

Vários autores de diversas áreas ao longo dos tempos interessaram-se pela história dos jogos e dos brinquedos. Um dos ensaios do filósofo alemão Walter Benjamin, escrito entre 1928 e 1930, sobre a história dos brinquedos, alerta para o facto de que há um grande equívoco na suposição de que são simplesmente as próprias crianças, movidas pelas suas necessidades, que determinam todos os brinquedos, no entanto quando os indivíduos brincam deparam-se constantemente com vestígios que as gerações mais velhas deixaram (Porto, 2003)

Para Brougère (1992) citado por Porto (2003) olhar para o brinquedo é confrontar-se com a imagem do mundo e da cultura que se quer mostrar à criança. Assim, o brinquedo é um objecto que traz em si uma realidade cultural e uma visão de mundo e da criança, oferecendo experiências variadas, experiências estas que dependem do material de que foi fabricado (madeira, espuma, ferro, pano); da forma do desenho (bonecas, carros, cavalos); do aspecto táctil (peluche, borracha, celulose); da cor; do cheiro e dos sons que porventura emitam.

A partir do século XIX, quando o brinquedo deixa de ser o resultado de um processo doméstico de produção, que unia adultos e crianças, para ser comercializado, a sua forma, o tamanho e a imagem mudam. Principalmente depois da Segunda Guerra Mundial, o uso do plástico substituiu materiais como madeira, cera, celulose, pano e permitiu o desenvolvimento de uma produção em série.

Até a metade do século XX, as cidades não eram tão grandes, a violência era pouca e havia espaços para brincar na rua, no quintal, nos terrenos vazios e nas praças. O brinquedo industrializado em Portugal já circulava na cidade em pequenas quantidades, mas era ainda restrito à classe média, onde a sociedade de consumo ainda não se tinha consolidado e os adultos ainda contribuíam activamente para as experiências lúdicas das crianças, confeccionando bonecas de pano, carrinhos de madeira, bolas de meia, ou participando nas suas brincadeiras. (Porto 2003)

Os brinquedos orientam a brincadeira, trazem-lhe matéria, isto é, só se pode brincar com o que se tem, sendo também a brincadeira condicionada pelo ambiente, no entanto a criatividade por vezes permite ultrapassar esse ambiente.

Gáspari (2004) fazendo referência as teorias de Vygotsky (1991, 1993), diz que o brinquedo tem especial importância no desenvolvimento da imaginação, isto é o próprio brinquedo define o acto de brincar.

Ao fazer a menção do ser humano num dado contexto social e histórico, Silva (2004) refere que é observável que cada indivíduo possui uma realidade particular e

interna e que ao longo da vida vai construindo e reconstruindo valores e significados, sabendo-se que pela forma de a criança brincar é possível identificar características e valores de uma certa sociedade.

Segundo Porto (2003) a cultura lúdica não é única e imutável onde os jogos existentes numa determinada sociedade somam-se às regras que um indivíduo cria e essa combinação, de jogos já existentes e da criação de novos, vai compor uma cultura lúdica própria.

A cultura na qual a criança está inserida, junto com a cultura lúdica que ela possui, provoca uma variedade de combinações possíveis. Este processo de brincar vai acumulando experiências que vão constituindo a sua cultura lúdica. Essa experiência vai-se enriquecendo, quer seja na participação em brincadeiras com outras pessoas, quer pela observação de outras crianças, quer ainda pela manipulação cada vez maior de objectos de jogo. Segundo a autora a brincadeira é um processo de relações. Relações essas que podem ser da criança com o brinquedo, com outras crianças e adultos, com os jogos, sendo assim um processo de cultura.

Gáspari (2004) refere que torna-se impossível, descrever ou avaliar qualquer aspecto social humano, seja a criatividade seja a conduta lúdica, sem ter em consideração os aspectos da sua cultura. O lugar que a criança ocupa num contexto social específico, a educação a que está submetida e o conjunto de relações sociais que mantém com as personagens do seu mundo, permitem compreender melhor o quotidiano infantil, sendo neste quotidiano que se forma a imagem da criança e do seu brincar.

É no processo de socialização e de educação que os papéis de masculino e feminino se constroem, assim, as mulheres tendem a construir papéis ligados à mulher, como mãe, tia, avó, professora, enfermeira, enquanto os meninos representam papéis mais fortes, como bombeiro, polícia, pais ou heróis. Segundo um estudo feito em 1930 sobre as preferências em relação aos brinquedos, a conclusão a que se chegou foi de que os jogos dos rapazes envolviam objectos, entre eles, a bola, carros, etc., onde somente homens podiam brincar, por seu lado os jogos que envolviam o faz de conta eram de exclusividade feminina. As meninas não participavam nos jogos dos meninos, isto deve-se ao facto de haver locais distintos para a sua realização. Os meninos dispunham de ruas para jogar enquanto as meninas dispunham de lugares mais fechados como a casa ou o pátio. Um aspecto também muito importante é o tempo para brincar, que segundo

Silva (2004) era menor nas raparigas, uma vez que tinham de ajudar nas tarefas domésticas.

Apesar das crianças não estarem ligadas directamente ao trabalho dos pais, passavam muito tempo a realizar tarefas próximas do trabalho deles. Um exemplo que demonstra bem a realidade é a boneca, em que as meninas transpunham a realidade para a imaginação, celebrando casamentos, baptizados, organizam danças, festas, treinam habilidades e adquirindo hábitos importantes para as mulheres, como a costura e a cozinha.

O mundo objectivo que a criança conhece vai evoluindo e está em constante expansão, no entanto existe um momento em que a criança não se satisfaz com os objectos que constituem o seu ambiente e passa a interessar-se pelos objectos que os adultos operam e sobre os quais ela não pode agir, esforçando-se por vezes para agir como um adulto.

Pegando ainda no exemplo da boneca, a criança não se contenta em reproduzir as acções maternas de dar banho, alimentar, vestir, mas procura incluir nessas acções um contexto maior de relações como levar a boneca ao médica, à escola, passear com ela, etc.

Durante o desenvolvimento de brincadeiras, as relações humanas começam a expandir-se, necessitando de ampliar o universo das relações humanas estas procuram as brincadeiras em grupo, onde “*as relações sociais são reproduzidas nas relações das crianças entre si*” (Volpato, 2002, p. 53). Quando as crianças não podem brincar com mais crianças, criam situações imaginárias onde fazem de conta que as pessoas e situações existem.

Vygotsky, citado por Volpato (2002) diz que toda a situação imaginária tem regras, em que o papel que a criança representa, tal como a relação dela com o objecto, origina regras baseadas nos comportamentos sociais. A aceitação destas regras indica uma nova etapa na vida das crianças, enquanto que na idade pré-escolar a brincadeira faz de conta é a principal actividade da criança, na idade escolar os jogos com regras tornam-se mais importantes.

O acto de brincar transcende todos os níveis da vida de uma criança, onde a actividade lúdica engloba as emoções, a inteligência, a cultura e o comportamento. Vários autores explicam o brincar e o jogar segundo diversas teorias, que passamos a apresentar no anexo I.

2.3 – A ACTIVIDADE LÚDICA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

As gerações passadas tinham formas diferentes de ocupar os tempos livres, que eram mais escassos e limitados do que nos nossos dias. O trabalho fazia parte do quotidiano das pessoas, onde a agricultura era a actividade profissional que dominava.

Segundo os censos de 1940 cerca de 80% da população vivia da agricultura, onde “*o trabalho de sol a sol era rei*” (Barbosa & Costa, 1997, p.5). Durante a semana havia sempre alguma coisa para fazer, até ao sol se pôr, que nem sempre indicava que a jornada tinha acabado. As crianças andavam na escola ou ajudavam os pais nas lides domésticas ou na agricultura. Os tempos eram difíceis, mas havia o domingo, onde se encontrava um tempinho disponível a juntar a umas migalhas de descontração que o intervalo das tarefas diárias propiciava.

Nesse tempo de lazer, nos intervalos da escola, no regresso a casa, nos momentos de descanso, os jogos, brinquedos e brincadeiras eram algumas formas de ocupação dos tempos livres. Estes vinham de há séculos atrás e com alguns ajustes e evoluções foram permanecendo, nos séculos seguintes, podendo ver-se ainda a sua marca na actualidade.

Segundo Hugon, citada por Barbosa e Costa (1997) os jogos de ar livre e os brinquedos não sofreram grandes modificações desde a antiguidade. Sabemos através de vários trabalhos arqueológicos que o brinquedo sempre esteve presente em todas as civilizações, podendo-se compreender a evolução das sociedades humanas através de uma análise do brinquedo.

Cada brinquedo define para a criança um mundo, uma situação, um acontecimento, um estado, em que no acto de brincar, a criança projecta nos brinquedos os seus desejos, sonhos, intenções e cria rapidamente uma outra situação.

Segundo a bibliografia consultada existem várias formas de se produzir um brinquedo, podendo passar pela manufacturação dos adultos, em que estas são representações dos objectos de interesse ou de uso do adulto e pelos brinquedos elaborados pelas próprias crianças, que os fabricam a partir dos elementos que a rodeiam, momento este que segundo Amado (2003) é importante, porque a invenção constitui por si só um acto de brincar, passando tal iniciativa muitas vezes pelo aproveitamento lúdico e espontâneo dos objectos da própria natureza ou artefactos da vida quotidiana.

O brinquedo é um objecto material que serve para brincar, como a bola, uma boneca, um carrinho. Reportando-nos ao sexo feminino, a boneca é o brinquedo mais representativo deste sexo, sendo a mais antiga representação escultórica da figura humana e assumiu um contexto sexual que através do tempo, das diversas civilizações e culturas ainda hoje se mantêm.

Para a sua construção utilizavam trapos ou retalhos, serviam-se de um boneco de celulóide ao qual adaptavam vestidos, andavam com elas ao colo e com elas transpunham a realidade para a imaginação, fazendo delas suas filhas. Praticamente as bonecas, até 1930, eram confeccionadas de pano, longe das tecnologias de ponta e das grandes fábricas de hoje, sendo os seus “*criadores*” artesãos, mães, tias, avós ou até as próprias crianças podendo as rechonchudas bonecas das décadas passadas adquirirem novas formas e tamanhos e hoje em dia até já falam, cantam, dançam, andam de patins e bicicleta, choram, dormem (Amado, 2002)

CAPÍTULO II

DO CONCEITO DE IDOSO AO IDOSO E O LÚDICO: UMA PERSPECTIVA GLOBAL

1- O CONCEITO DE IDOSO E O ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO.

A concepção idílica de que as últimas décadas de vida poderão assemelhar-se a um período de serenidade comparável a um entardecer tranquilo está longe de corresponder à maioria das pessoas. Os idosos passaram de uma quase super valorização, no passado aqui, e ainda hoje em certas sociedades tribais, para uma forte desvalorização. Outrora os idosos eram fundamentais, eram os mestres, a sabedoria. Hoje, outros são os mestres e os entendidos: as bibliotecas, as escolas, os museus a internet etc.

A construção social do conceito de velhice tem portanto por base os valores de cada sociedade. Também a concepção de envelhecimento *“como processo de declínio, só tem sentido em abstracto quando referente ao processo natural e biológico do envelhecimento; enquanto fase do processo de desenvolvimento do ciclo de vida, corresponde a uma transformação social que pode conferir ou retirar prestígio aos indivíduos.”* (Lima e Viegas, 1988, p. 153).

Nas sociedades pré-industriais os idosos desempenhavam papéis socialmente importantes até ao fim da vida. Eram detentores do poder económico e *“sabedoria”* usufruindo de grande prestígio dentro do grupo social.

Hoje, a industrialização das actividades humanas, a sua tecnificação progressiva e a intensa urbanização da população transformaram a sociedade ocidental originando uma visão negativista do envelhecer pressupondo deterioração, presença de doença e diminuição de funções.” *O envelhecimento não é uma doença nem pode ser usado como diagnóstico: outrossim é o processo integrante de um desenvolvimento normal”* (Oliveira,1991,p.45)

Numa perspectiva sócio-demográfica o envelhecimento humano é actualmente encarado com alguma apreensão e expectativa apesar de ser um fenómeno natural e

universal,”*todas as populações humanas do mundo estão submetidas a um dilema aritmético: crescer e envelhecer*” (San Martim 1999, p.130).

Ao longo do século XX, assistiu-se, a um progressivo envelhecimento da população mundial, verificando-se neste início de século um alargamento das faixas etárias mais elevadas, ou seja, regista-se em muitos países um aumento da esperança média de vida, incluindo Portugal. Este fenómeno social, segundo inúmeros especialistas, deve-se fundamentalmente à diminuição da natalidade e ao aumento da longevidade, ou seja, segundo Peralta & Silva (2002) o envelhecimento demográfico caracteriza-se pela diminuição da proporção de sujeitos com menos de 15 anos de idade, associado à baixa natalidade, e pelo aumento da proporção de pessoas idosas (indivíduos com mais de 65 anos) que vêm as suas vidas prolongadas muito para além do período comum de emprego/trabalho.

Este aumento da esperança média de vida deve-se fundamentalmente aos avanços da medicina moderna que consegue prevenir e controlar muitas doenças e também pelo aumento da qualidade de vida dos países mais industrializados.

A análise europeia das tendências sociais, revela que no ano 2020, mais de um quarto da população será representada por pessoas de idade igual ou superior a 65 anos (Silva & Lima, 2002). Portugal não é uma excepção a estas circunstâncias, podendo ser considerado, tendo em conta os padrões das Nações Unidas, como um país envelhecido. Com efeito, não só o número de pessoas idosas aumentou, como também, ao longo da própria velhice, a esperança média de vida foi acrescida (Peralta & Silva, 2002).

De acordo com a nossa realidade, o censo de 1991, realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), comprovou a tendência para a diminuição da natalidade e para o aumento da esperança de vida. Em 1990, a percentagem da população com 65 ou mais anos era de 11,8%, estimando-se um acréscimo para 13,5% no ano de 2000. De acordo com os dados do INE prevê-se que, no ano 2015, exista mais de 1 milhão e 763 mil portugueses com 65 ou mais anos e que, em 2035, o número de idosos residentes em Portugal varie entre 23% e 26% da população.

Já em 2001 o INE constatou que a proporção de idosos recenseados (1.702.120, correspondentes a 16,4%), ultrapassou pela primeira vez a dos jovens (16,0%). De 1981 a 2001, o Índice de Envelhecimento aumentou de 45 idosos por 100 jovens, para 103, ou seja, o número de idosos a residir em Portugal ultrapassou o de jovens.

O progressivo envelhecimento da população portuguesa contribui para o despoletar de alguns problemas ao nível da saúde, tais como: o aumento do risco de

doenças degenerativas (doenças cardiovasculares, hipertensão, diabetes, osteoporose e outras doenças crônicas), perda de independência funcional (perda de autonomia) perda de memória e deterioração da qualidade de vida.

Envelhecer é um processo comum a todos os seres vivos, que evoca um desenvolvimento contínuo, embora mais marcado na última fase da vida e que culmina com a morte. No processo de envelhecimento são atingidos todos os sistemas importantes do organismo e o efeito destas mudanças nos contextos ambientais específicos modificam os comportamentos individuais, sendo estes, no entanto processos normais e fisiológicos e não sinais de doença.

Para Lessa (1982) citado por Lima & Silva (2002, p.?), “*o envelhecimento é, depois da reprodução, o mais universal dos fenômenos biológicos*”. O decurso da vida é entendido como uma sequência de mudanças regulares desde a infância até à velhice. Costa (1998) citada por Lima & Silva (2002) entende que, nas pessoas idosas, o estado de saúde depende menos da idade cronológica relacionando-se mais com o ciclo de vida, em que a saúde e a doença fazem parte do contínuo, uma espécie de escala natural na vida.

Spidurso (1995, citado por Carvalho, 1999) refere que o envelhecimento tem sido descrito como um processo, ou um conjunto de processos, inerentes a todos os seres vivos e que se expressa pela perda da capacidade de adaptação e pela diminuição da funcionalidade estando associado a alterações físicas e fisiológicas.

A mesma autora apresenta dois tipos de envelhecimento, o primário e o secundário. O envelhecimento primário representa as mudanças provocadas pela idade, independentes das doenças ou influências ambientais. O envelhecimento secundário é o que se refere à aceleração deste processo como resultado da influência da doença e factores ambientais. A doença e o stress ambiental podem acelerar o aumento da vulnerabilidade do sujeito para a doença e stress ambiental.

De acordo com Martins & Gomes (2002) citando o ACSM (2000), o processo de envelhecimento não ocorre uniformemente em toda a população, pelo que não é prudente definir a “*velhice*” de acordo com uma determinada idade cronológica.

Também Skinner (1989), menciona que a idade cronológica não coincide com a idade biológica devido às diferenças de funcionamento orgânico, podendo, portanto, apresentar diferenças de indivíduo para indivíduo.

Berger (1995) refere ainda que, as modificações fisiológicas do envelhecimento humano têm efeitos cumulativos, fazem-se sempre de maneira progressiva, e são

irreversíveis e finalmente deletérios para todos os seres humanos. Ao contrário da doença, o processo de envelhecimento é um fenómeno normal e universal. As alterações causadas pelo envelhecimento desenvolvem-se a um ritmo diferente para cada pessoa e dependem de factores externos como os estilos de vida, actividades e ambiente, e de factores internos como a bagagem genética e o estado de saúde.

Assim sendo, o processo de envelhecimento resulta por um lado de factores internos, mas também de factores externos que determinam a diferenciação, como o clima, as “agressões” físicas e psicológicas, as radiações, o estado nutricional, a educação, os hábitos de higiene, etc.

Martins & Gomes (2002) referem que aproximadamente 85% das pessoas idosas apresentam uma ou mais doenças ou problemas de saúde. Entre 4 a 11% das pessoas com idade superior a 65 anos apresentam alguma forma de demência senil, especialmente o mal de Alzheimer. Segundo o mesmo autor os problemas de saúde que ocorrem com mais frequência entre as pessoas idosas são: artrite (48%), hipertensão (36%), doenças cardíacas (32%), problemas de audição (32%), problemas ortopédicos (19%), cataratas (17%), diabetes (11%), problemas na visão (9%).

A população idosa, como tivemos oportunidade de constatar é um grupo muito heterogéneo, devido à multiplicidade de factores que podem influenciar e determinar o processo de envelhecimento do ser humano. Dos hábitos de vida às influências genéticas, o indivíduo tem uma história e um conjunto de experiências que vão determinar o seu estado de saúde e que vão influenciar o processo de envelhecimento. O envelhecimento está assim, associado a inúmeras alterações com repercussões na funcionalidade, mobilidade, autonomia, e saúde desta população e, deste modo, na sua qualidade de vida.

Para Gyll (1989, citado por Lima & Silva, 2002) a velhice não é uma doença, constitui uma fase do desenvolvimento da vida que apresenta necessidades específicas. Necessidades essas a que devem dar resposta os próprios interessados, os que lhes são mais próximos e o sistema social em que estão inseridos.

Olhar e analisar a velhice em todas as suas vertentes não é fácil, no entanto, é importante reflectir mais profundamente sobre o modo como a encaramos e sobre a realidade irrefutável de que se não morrermos de novos iremos chegar a velhos. Como diz Michel Philibert citado por Quaresma (1982) todo o ser vivo envelhece, mas só o homem pode interpretar, orientar e controlar o seu envelhecimento.

2 - O IDOSO E O LÚDICO

Segundo Fenalti (2004, p. 87) “*o lúdico não se encontra institucionalizado, não é uma actividade nem tão pouco poderá estar restrito à idade dos indivíduos...*”. Segundo a autora o lúdico está presente nos mais diversos momentos da vida, em qualquer lugar e a qualquer hora, de acordo com o desejo de cada um.

Como já foi referido atrás, hoje em dia, facilmente se verifica um grande crescimento da população idosa, apresentando-se como um fenómeno social e natural. O crescimento desta faixa etária deve-se a vários factores, entre eles os avanços da medicina, melhoria de condições de vida, entre outros.

Os individuo quando entram na reforma (que em Portugal é aos 65 anos), a maior parte deles ainda se encontra numa situação de alguma pujança física, no entanto, encontra-se numa situação inédita “*o idoso dispõe para si de um tempo inesgotável, que pode ser desfrutado da maneira que quiser*” (Acosta,2000, p.53) mas que estes por vezes não sabem utilizar. Por outro lado a sociedade também não espera nada deles, porque está profundamente marcada por exigências de rendimento e competição. As expectativas desta são colocadas na criança e no jovem do qual se esperam ainda grandes feitos.

No entanto, os nossos idosos continuam a ter grandes capacidades para desenvolverem actividades lúdicas quer através de actividades físicas quer recriando jogos e brincadeiras da sua infância, tal como refere Acosta (2000) quando o idoso é confrontado com actividades lúdicas sejam elas já conhecidas ou novas, estes “*não se negam a participar (...) onde o desejo de participação nas actividades e o amadurecimento conseguido pela vida fazem com que qualquer erro seja leve*”. O medo de errar que de uma forma geral tanto nos assusta nesta idade desaparece e os idosos participam de uma forma jovial. É também uma forma como refere Santos Filho, citado por Fenalti, (2004) de extravasar os anseios.

Fenalti (2001) verificou ainda que o bem-estar, o contacto com outras pessoas, novas amizades, a fuga da solidão, são alguns exemplos que levam os idosos a participarem em projectos de actividades físicas.

Pesquisas realizadas envolvendo o idoso e o lúdico constataram que os idosos manifestam grande interesse em participar em actividades lúdicas, fazendo comparações com as brincadeiras que faziam durante a sua infância. Uma das conclusões retiradas da pesquisa é a de que as actividades realizadas na infância influenciam as actividades

lúdicas dos projectos actuais, interferindo de forma positiva no envelhecimento, qualidade de vida, prazer e alegria do idoso. (Santos Filho, 1999, citado por Fenalti, 2004)

Segundo o autor é fundamental “*valorizar a conduta lúdica ou seja valorizar a espontaneidade da criatividade, quebrar as barreiras criadas por anos de uma possível sisudez imposta ou auto-imposta pela cobrança dos papéis sociais, produtividade, seriedade e supervalorização do trabalho e pelo desprezo da conduta lúdica*” (Fenalti, 2004, p6).

A mudança de comportamentos face à velhice e ao envelhecimento já está a operara-se. Juntaram-se anos à vida, agora é fundamental juntar vida aos anos. Para tal é necessário desenvolver acções junto da sociedade em geral e dos “*ditos adultos produtivos*” no sentido de estes se prepararem para viverem a fase da velhice que os espera na esperança de poderem vir a fazer, por gosto pessoal, o que os afazeres urgentes da actividade profissional os impediu de conseguir realizar.

3 – CARACTERIZAÇÃO DO LAR DE IDOSOS

O lar da Santa Casa da Misericórdia de Condeixa-a-Nova e tem a designação de “Lar de Pessoas Idosas - D. Maria de Ascensão Bandeira de Carvalho”, benemérita que o criou em 1971.

Este situa-se na confluência das ruas de Dr. Fortunato Carvalho com a rua de Wenceslau Martins de Carvalho. Este edifício é constituído por dois blocos com ligação interna, um construído em 1926 e outro em 1995.

Em relação às instalações é constituído por um refeitório com capacidade para 80 idosos, por uma cozinha, por 4 salas de estar distribuídas pelos diferentes pisos, por duas enfermarias com capacidade para 12 utentes, uma capela, e diversos quartos.

Da Santa Casa da Misericórdia de Condeixa-a-Nova fazem parte vários serviços, das quais destacamos o lar para idosos com 97 residentes, um serviço de apoio domiciliário que dá apoio a 30 idosos, um centro de dia que dá apoio a 75 idosos de todo o concelho, uma creche com 60 crianças, um jardim-de-infância com 59 crianças e um ATL com 115 crianças.

Dos 97 idosos residentes, 65 são do sexo feminino e 32 são do sexo masculino. Das 65 idosas do sexo feminino 17 pertencem ao grupo etário dos 75 aos 80 anos, grupo do qual foi retirada a nossa amostra

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

1 – OPÇÕES METODOLÓGICAS

Ao adoptar uma classificação bastante ampla podemos dizer que há dois grandes métodos utilizados em pesquisa social: o quantitativo e o qualitativo (Richardson, 1989).

Segundo o autor *“estes métodos diferenciam-se não só pela sistematização pertinente de cada um deles, mas sobretudo pela forma de abordagem do problema (...) sendo necessário realçar que o método deve ser apropriado ao tipo de estudo que se quer realizar”* (p.29).

O nosso tipo de investigação insere-se na metodologia qualitativa, permitindo esta, através da interpretação averiguar as formas de construção por parte dos sujeitos da sua realidade e descobrir o significado que as pessoas dão às *“coisas”*, isto é, pretendemos assim descobrir como é percebida pelas idosas as diferentes formas de brincar jogar e de se divertirem enquanto crianças.

O nosso nível de investigação insere-se na pesquisa básica porque a meta é saber sem produzir necessariamente resultados de utilidade prática; *ex-post facto* porque os dados dos acontecimentos ou fenómenos ocorreram no passado (Teixeira, 2002).

As fontes de informação a que recorreremos foram a pesquisa de campo através da entrevista semi-estruturada às idosas internados num Lar de idosos. Procuramos nas entrevistas basearmo-nos no *“vivido dos actores”*, neste caso das idosas, mediante a informação que nos proporcionaram

1.1 – OBJECTIVOS

Este trabalho tem como principais objectivos:

- Identificar os jogos brinquedos e brincadeiras das idosas durante a sua infância/adolescência
- Caracterizar hábitos e costumes numa época definida
- Caracterizar o contexto sócio-político e cultural da época.

1.2 – JUSTIFICAÇÃO

A escolha desta temática deveu-se ao nosso interesse pela terceira idade isto porque é uma idade de muita sabedoria e experiência. A área da gerontologia é uma área que nos interessa particularmente porque no futuro será uma aposta a nível do mercado de trabalho, visto que as práticas lúdicas ainda não estão bem instituídas nestas idades.

Torna-se importante conhecer as actividades lúdicas praticadas na infância, bem como toda a situação política envolvente para melhor entender como era feita a ocupação dos tempos livres em tempos passados

1.3 – DELIMITAÇÃO DA AMOSTRA

Ao chegar ao momento de seleccionar os sujeitos que fazem parte do estudo, todo o investigador deve tomar uma série de decisões relacionadas com algumas questões: que sujeitos estudar? E quantos podem fazer parte do estudo? Quando, onde e em que circunstâncias se efectuará o estudo?

Neste contexto foram tomadas algumas decisões relevantes para o estudo. A primeira foi em relação à população. Incluímos no nosso estudo 10 idosas, do sexo feminino, com idades compreendidas entre 75 e os 80 anos. Optámos assim, por uma amostra não probabilística por conveniência pois como refere Bogdan e Biklen (1994, p. 15) “ *...se não é possível falar com todos os sujeitos (...) é necessário ter uma variedade de perspectivas (...) alguns sujeitos estão mais dispostos a falar, têm mais experiências do contexto ou são particularmente intuitivos em relação às situações*”.

Por outro lado como sugerem Goetz Y Lecomte (1988) uma amostra estatística representativa pode ser irrelevante quando o que o investigador pretende é explicar o “*significado dos processos microsociais. Os critérios neste caso são diferentes dos necessários para obter uma amostra representativa*” (p. 17).

Assim, os critérios para a escolha da amostra são os seguintes:

- Ter entre 75 e 80 anos
- Ser do sexo feminino
- Ter capacidade para responder às questões (não estar confusa, ser capaz de comunicar, poder falar).

A segunda decisão diz respeito ao local. Assim, decidimos delimitar o contexto do nosso estudo ao lar de idosos da Santa Casa da Misericórdia, situado em Condeixa-a-

Nova, por um lado porque é de fácil acesso, e por outro porque não tínhamos qualquer proximidade ou conhecimento dos idosos, o que poderia influenciar as respostas das inquiridas.

1.4 – DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO

Foi elaborado um guião para entrevista semi-estruturada que está dividida em três partes. A primeira constituída por 6 itens destinada à caracterização pessoal. A segunda constituída por 3 questões de orientação que se destinam à caracterização das condições sócio-político-culturais do país. A terceira parte refere-se à identificação dos elementos de estudo: jogos, brinquedos e brincadeiras que foi subdividida ainda em três partes: uma que se refere ao jogo, constituída por perguntas de orientação que se destinam a identificar os jogos e o modo de jogar; outra que se refere as brincadeiras constituída por perguntas de orientação que se destinam a identificar as brincadeiras e o modo de brincar; por ultimo, outra que se refere aos brinquedos constituída por perguntas de orientação que se destinam a identificar quais os brinquedos mais utilizados, entre elas o material, modo de confecção (Apêndice 1)

1.5 – PROCEDIMENTOS

Após a definição da população foi necessário garantir o acesso ao grupo dos idosos. Assim, numa primeira fase estabelecemos contactos informais com o lar de idosos através da Assistente Social, que nos deu abertura para a realização do estudo. Era agora necessário enviar o pedido formal de autorização ao Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Condeixa-a-Nova, o que foi feito de imediato, sendo prontamente diferido. (Anexo 2)

O conjunto de procedimentos que integram a estratégia de recolha de dados deverá ser sempre explicada teoricamente, para que não seja imputado à investigação qualitativa um “pretenso empirismo” de que tantas vezes é acusada. (Amiguinho1992)

É a partir do quadro teórico que são elaboradas as questões de investigação e é em função destas que é necessário recolher informação pertinente para as analisar.

A literatura contempla vários tipos de entrevista, Richardson (1989) e Bogdan e Biklen (1994) propõem dois tipos distintos: estruturada, usualmente chamada de questionário e não estruturada, também chamada entrevista em profundidade. Ghiglione

e Matalon, (1992), classificam-nas em: entrevistas não directiva, questionário aberto e questionário fechado, referindo que na prática é frequente ocorrer um questionário alternado com questões abertas e questões fechadas.

Optámos pela entrevista semi-directiva ou semi-estruturada como forma de recolha de dados e decidimos fazê-lo no próprio local

Como não conhecíamos a população idosa do lar de idosos, falamos com a Assistente Social e as auxiliares e explicamos os critérios que tínhamos elaborado para a nossa pesquisa. Estas prontamente se dispuseram a colaborar indicando os idosos, que obedecem aos critérios por nos previamente estabelecidos e que estariam em condições para responder correctamente às perguntas formuladas.

Antes de passar para a entrevista propriamente dita, foi explicado o tipo de trabalho que estávamos a desenvolver, a finalidade e os objectivos.

Garantimos-lhes o anonimato das informações que nos iriam prestar. Pedimos aos idosos para gravar a entrevista, garantindo mais uma vez o anonimato. Todos acederam ao pedido de imediato e nunca puseram objecções.

A grande maioria dos idosos do nosso estudo foi bastante espontâneo a responder, tornando os tópicos da entrevista bastante flexível. Em alguns momentos tivemos que ser mais directivos e seguir a sequência do guião.

No início da entrevista, na maioria dos casos, sentimos algum nervosismo, da parte do entrevistado pela presença do gravador, mas foi-se dissipando ao longo da conversa.

As entrevistas foram realizadas nos meses de Fevereiro, Março, Abril, Maio e Julho de 2004. O local da entrevista foi sempre no lar de idosos da Santa Casa da Misericórdia de Condeixa-a-Nova. Dentro do lar, o local da entrevista nem sempre foi o mesmo, umas vezes foi realizada na sala de convívio, outras vezes no quarto dos entrevistados. A maior parte das entrevistas foi realizada da parte da tarde após o almoço ou lanche. Procuramos que fosse um momento calmo e com poucas possibilidades de sermos interrompidos, mas em alguns casos isso não se verificou.

Todas as entrevistas foram realizadas durante a semana e quase sempre foram marcadas antecipadamente os dias e as horas para as entrevistas.

O tempo de duração da cada entrevista situou-se próximo da hora, umas vezes mais, outras menos. Ouvimos os idosos responderem abertamente às nossas questões, mas ouvimos também muitos relatos da vida passada e acontecimentos presentes.

1.6 - TRATAMENTO, ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Bogdan e Biklen (1994, p. 205), consideram que “*a análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser apreendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros*”. É a este processo que agora nos vamos referir.

No tratamento e análise dos dados referentes às entrevistas que desenvolvemos com os idosos utilizámos a análise de conteúdo que segundo Bardin (1977, p. 38), *é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição de conteúdos das mensagens, indicadores (...) que permitam a inferência de conhecimentos, relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens*”

O segundo passo foi a sua transcrição. Optámos por transcrever nós próprios as entrevistas manualmente. Este procedimento embora representasse para nós uma tarefa acrescida pareceu-nos vantajoso porque nos permitiu recuperar grande parte do ambiente em que tinham decorrido as entrevistas, das hesitações, da força expressiva empregue ao abordarem determinada questão, dos sentimentos empregues a recordar o passado. (Anexo 3)

Após a sua transcrição numerámos de 1 a 10 todas as entrevistas e codificamo-las atribuindo-lhe a letra I de Idosa e o respectivo nº como segue o exemplo I₁, I₂ etc. para a entrevista nº 1, nº 2 etc.

De seguida lemos e relemos as entrevistas e começamos por tentar “*descobrir*” ou “*estabelecer*” como sugerem Goetz y Lecompt,(1988) “*unidades de analise*” ou “*categorias*” como aconselham Bardin (1977); Herbert e Botin (1994). Este processo permitiu-nos a transformação dos dados “*brutos*” em subconjuntos manejáveis como referem os autores anteriores.

Numa segunda fase foram elaboradas as categorias e sempre que possível as sub-categorias respectivas, sendo identificados os indicadores e para cada um, os discursos das idosas. (Apêndice 2)

Para cada jogo específico foi elaborado um quadro síntese onde são abordados os materiais utilizados; o modo de jogar; os intervenientes; o local onde era jogado; como era feita a aprendizagem; quando era jogado e que tipo de castigos eram aplicados. (Apêndice 3)

Foram ainda elaboradas fichas com a descrição dos jogos e brincadeiras referidas pelas entrevistadas (Apêndice 4)

Os dados serão apresentadas em:

- Texto narrativo com excertos das entrevistas quando se justificar visando acompanhar o processo de análise e interpretação;
- Matriz das categorias, subcategorias, indicadores e discurso
- Quadros síntese dos jogos.
- Fichas dos jogos e brincadeiras
- Gráficos

Na análise e interpretação geral sempre que achamos oportuno confrontamos o que “*era dito*” pelas entrevistadas com o que é referido na literatura.

CAPÍTULO IV

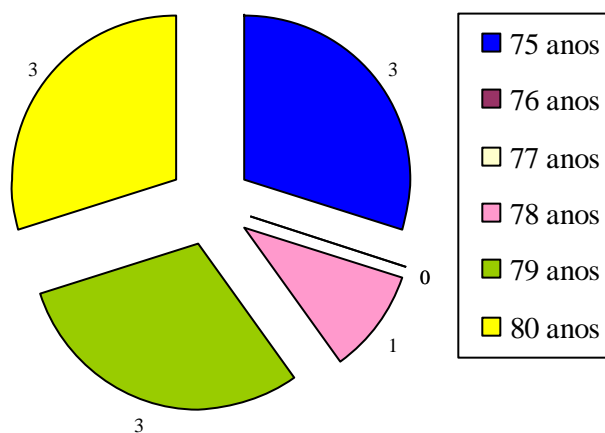
ANÁLISE, APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Perceber o modo como brincavam/jogavam e com o que brincavam/jogavam estas idosas quando crianças é o objectivo fundamental deste capítulo. Para isso procuramos encontrar o que foi dito pelas idosas às questões tais como: que jogos se lembra ter praticado na sua infância? ou ainda se se recorda como eram praticados?

1 – CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Analisando, a população sobre a qual recai o nosso estudo pareceu-nos pertinente fazer a sua caracterização, para mais tarde se tornar mais fácil, a nível das conclusões.

Gráfico1 – Distribuição da amostra segundo a idade



O nosso estudo compreende o grupo etário dos 75 aos 80 anos, recaindo a maior percentagem (30%) nas idades entre os 75, 79 e 80 anos, ou seja 3 entrevistadas, como podemos verificar no gráfico 1.

Gráfico 2 – Distribuição da amostra quanto à zona de residência durante a infância

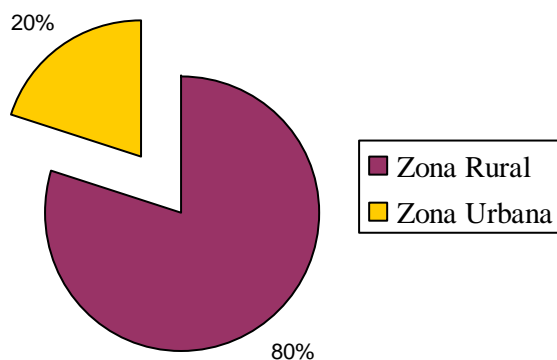
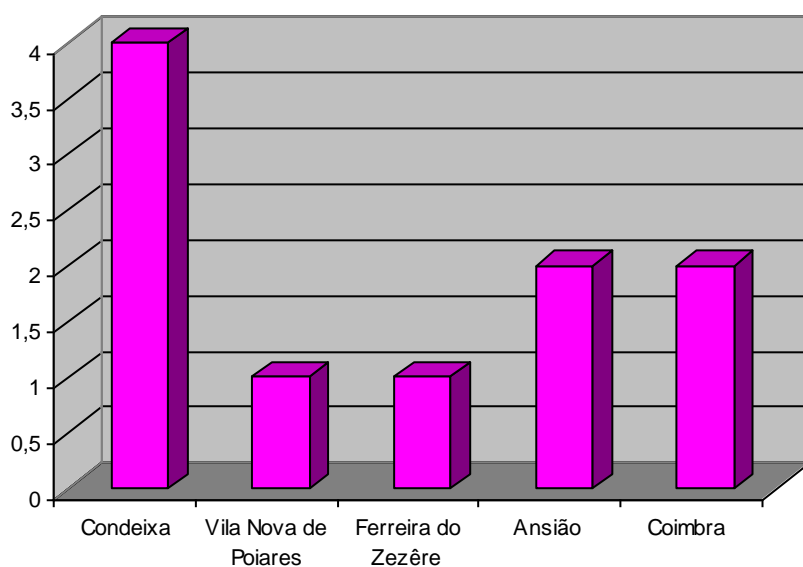


Gráfico 3 – Distribuição da amostra quanto à localidade de residência durante a infância

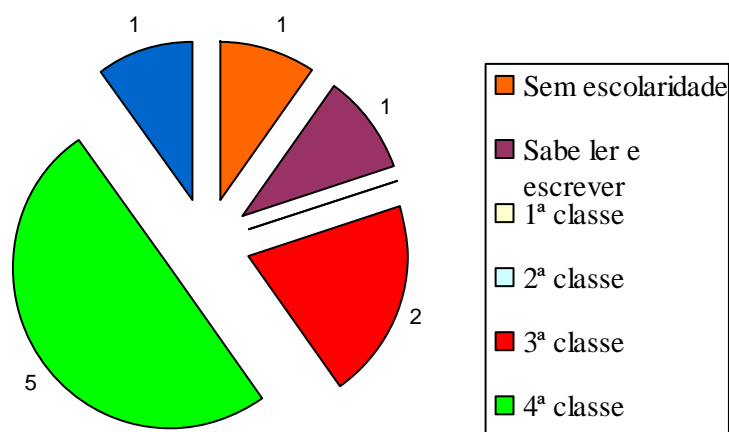


No que diz respeito à residência durante a infância das entrevistadas (gráfico 2 e 3), a grande maioria (8) respondeu que moravam em zonas rurais, com apenas 2 a residir em zona urbana, como mostra o gráfico 2.

As nossas entrevistadas enquanto crianças viveram todas na zona centro, a maioria (4) residiu no concelho de Condeixa-a-Nova, 2 residiram no concelho de Coimbra, 2 no concelho de Ansião, 1 no concelho Vila Nova de Poiares e 1 no concelho de Ferreira do Zêzere (gráfico 3), sendo este o concelho mais afastado da localização do lar.

O lar onde estas idosas se encontram internadas, está implantado numa zona com características rurais, por um lado acolhendo fundamentalmente pessoas oriundas destes meios e por outro é um lar que pertence a uma instituição de solidariedade social, que acolhe pessoas mais desfavorecidas, daí a maioria das nossas idosas pertencer a zonas rurais, com poucos recursos económicos.

Gráfico 4 – Distribuição da amostra segundo o nível de escolaridade



Quanto ao nível de escolaridade, metade das inquiridas (50%) concluiu a 4ª classe, as restantes obtiveram níveis inferiores de escolaridade, como indica o gráfico 4.

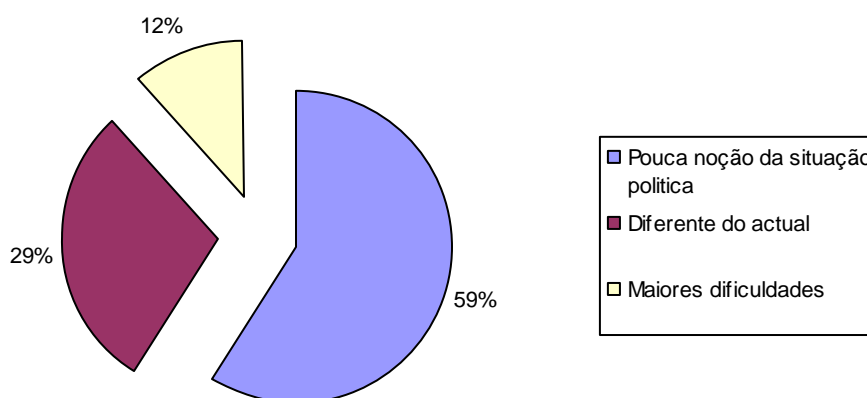
Como refere Carvalho (1986) entre 1926 e 1940 houve um aumento da frequência feminina nas escolas, tendo baixado o analfabetismo, de onde podemos inferir que as nossas entrevistadas podem estar incluídas neste grupo, uma vez que 5 terminaram a 4ª classe, 2 terminaram a 3ª classe e apenas uma não sabe ler nem escrever.

2 – CARACTERIZAÇÃO DAS CONDIÇÕES SOCIAIS, POLITICAS E CULTURAIS DO PAIS DO PONTO DE VISTA DAS IDOSAS

Por política entende-se “a orientação administrativa de um governo; conjunto dos princípios e dos objectivos que servem de guia a tomadas de decisão e que fornecem a base da planificação de actividades” in Dicionário da língua Portuguesa, Porto Editora. Ou seja, a gestão do país e dos seus recursos.

Quando questionadas sobre a situação política do país durante o período da infância/adolescência, as respostas são muito breves e mostram que a política naquelas idades não representava muito.

Gráfico 5 – Noção da situação politica



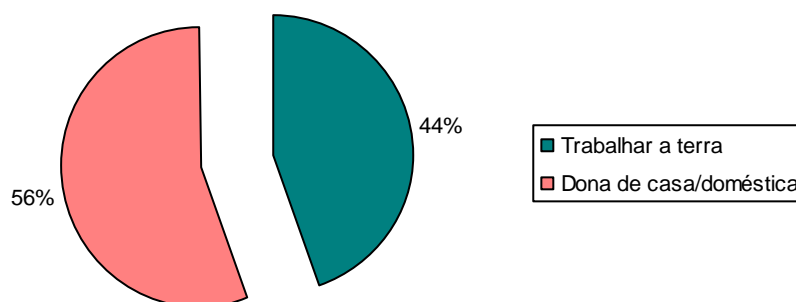
Como na infância não se dá relevo às questões politicas as entrevistadas apresentam na sua grande maioria pouca noção da situação politica, como se pode verificar no gráfico 5, com 59%, estas referem que “nem se falava em politica” ou seja “a politica não existia na nossa idade” enquanto que “mas tarde já se falava qualquer coisa”, o que evidencia a pouca participação da criança na vida politica pelo facto de estas residirem em zonas rurais, o que fortalece a opinião de Mónica (1996) ao referir que nas aldeias, os dias eram monótonos, “não havia qualquer tipo de participação politica...o mundo exterior não existia” (p, 20).

Os poucos meios de comunicação, a concentração destes nas grandes cidades e a censura ditada pelo Salazar deixavam as pessoas das zonas rurais sem informação, pelo

que confrontadas com a actualidade dizem que “naquele tempo não era como agora” porque actualmente “há coisas piores do que naquele tempo”. Se por um lado os meios de comunicação são fundamentais para a divulgação da cultura e da informação, por outro são também um veículo de divulgação da violência, o que leva alguma das entrevistadas a referir cenários piores hoje do que antigamente, pelo facto de terem acesso rápido à informação.

Relatam ainda que era um tempo onde passavam “mais dificuldades” devido à falta de “dinheiro”, isto porque os meios de subsistência era escassos, devido a uma agricultura rotineira e sem mecanização, como refere Carvalho (1986)

Gráfico 6 – Papel da mulher



Em relação ao papel da mulher na sociedade portuguesa e observando o gráfico 6, são-nos apresentadas como trabalhadoras, em particular na terra (44%), trabalhavam para “sustentar a família” e trabalhavam no campo para “ganharem dinheiro” desenvolvendo inúmeras tarefas tais como “apanhar erva, amanhar terra, sachar milho”etc.

Outro papel que se destaca é o de donas de casa/domésticas com 56%, onde estas “ficavam em casa a tratar da vida da família...dos animais” fazendo no seu entender, para a época “uma a vida normal”

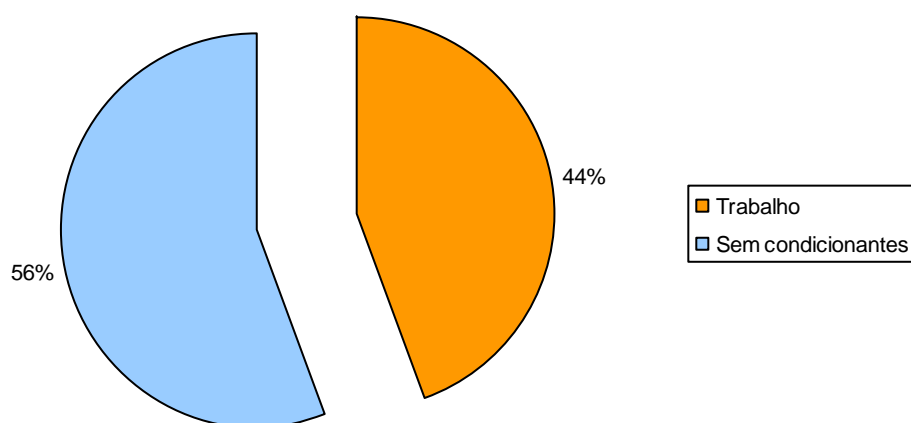
Como menciona Mónica (1996) na década de 40, as tarefas das mulheres na vida quotidiana passavam, e em grau crescente por, operárias, trabalhadoras rurais e criadas de servir (donas de casa).

Nesta pergunta relatam um pouco da experiência pessoal, das vivências e das profissões do sexo feminino na altura em Portugal, em que o núcleo familiar era visto como uma estrutura estática, as profissões passavam de geração em geração, o pai ocupava o centro da família, não se tratando, “*apenas de um reflexo do que se passava na sociedade, mas de uma politica*”(Mónica (1996,p, 18).

Em relação ao estatuto, somente duas entrevistadas referem as mulheres como umas excluídas, ou seja à mulher era confinado um estatuto de minoridade em relação ao homem. Mónica (1996) ao referir-se a um texto publicado numa revista da época, retrata bem o estatuto da mulher na sociedade na altura, onde diz que “*a minha liberdade (homem) é diferente da tua (mulher)...separa-nos um muro alto*”

No entanto outra entrevistada já refere outro estatuto para a mulher como “*professora*” ou “*chefe de correios*”. Como referem alguns autores as mulheres podiam ser professoras, enfermeiras, isto é, profissões que tivessem alguma coisa em comum com o papel de dona de casa.

Gráfico 7 – Condicionantes das expressões lúdicas



No que respeita às condicionantes da situação política, em referência à realização e participação nos jogos, brinquedos e brincadeiras, as entrevistadas responderam que existiam algumas condicionantes, onde se destacava o trabalho, com 44% das respostas, visto este, ser impeditivo, pelas muitas tarefas campesinas ou

mesmo domésticas das práticas das actividades referidas, as quais só lhes eram permitidas “*ao domingo*” porque tinham que “*trabalhava nas terras*”.

Como nos diz Carvalho (1936) uma das medidas do governo foi “*privilegiar a educação em detrimento da instrução*” (p, 754), ou seja, dava-se mais importância ao saber fazer e a aprendizagem de uma profissão do que à instrução propriamente dita. Este facto é facilmente observável nas nossas entrevistadas em que a maior parte delas, durante a infância, aprendia uma profissão, onde destacamos algumas a título de curiosidade. “*a minha profissão era guardar o rebanho*” ou “*a minha mãe sempre fez questão de me dar um curso de donas de casa*” ou ainda “*tínhamos que saber fazer de tudo*”

No entanto, 56% das inquiridas respondeu que durante a sua infância não havia, ou não se lembra de condicionantes das actividades lúdicas, provavelmente porque algumas ao mesmo tempo que desenvolviam algum tipo de trabalho como “*guardar o rebanho*” iam aproveitando o tempo para se divertirem.

3 – JOGOS, BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS DAS ENTREVISTADAS

Ao abordar a temática jogos, brincadeiras e brinquedos não a podemos separar dos factores históricos e culturais que levaram ao seu aparecimento. Cada época e cada cultura têm os seus jogos, os seus brinquedos e as suas brincadeiras com os seus respectivos significados. Valpato (2002,p.14) refere que falar em jogos, brinquedos e brincadeiras “*remete-nos a reflectir sobre como os adultos em diferentes tempos históricos concebiam o jogo, o brinquedo a educação e a própria criança.*”

Neste capítulo iremos abordar cada uma destas temáticas do ponto de vistas das entrevistadas, isto é, que jogos, brinquedos e brincadeiras eram utilizados por elas.

Para codificação dos dados partimos das categorias “Jogo”, “brincadeira” e “brinquedo” estabelecidas anteriormente. A partir destas categorias e para cada uma delas elaboramos as respectivas subcategorias (Ver anexo 3). Assim para a categoria jogo foram encontradas as seguintes subcategorias: “*Descanso ou Macaca*”; “*Anel-anelinho*”; “*lenço lencinho*”; “*bola*”; e “*pela*”

Para a categoria brincadeira foram elaboradas as seguintes subcategorias: “pedrinhas/seixinhos”; “molhinho”; “arco”; “tostão”; “saltar à corda”; “escondidas”; “cabra cega/rocococo”; “malhão”; “ramallete/raminho de talocha”; “apanhada” e “cantarinha”.

Para a categoria “brinquedo” elaboramos as seguintes subcategorias “boneca de farrapos” e “bonecas de papelão/celulóide/porcelana”.

3.1 – JOGOS E BRINCADEIRAS

Desde os primórdios da humanidade que os jogos sempre ocuparam um lugar de destaque nas diferentes sociedades quer pelo facto de estarem ligados a simples rituais quer pelo simples divertimento. *O jogo em si, malgrado as aparências, tem um fim normal: o repouso do espírito graças ao qual nós podemos em seguida nos dedicar às actividades sérias*” (Aristóteles citado por Valpato (2002, p. 23), ou até descansar fisicamente de trabalhos mais pesados. Provavelmente era o que acontecia com as nossas entrevistadas, uma vez que na época em que foram crianças e adolescentes o seu trabalho era muito utilizado e com certeza os momentos de descanso físico serviriam também para alimentar o espírito através do jogo.

Brincar faz parte da própria essência da vida, e como já foi referido na revisão da literatura todas as teorias sobre jogos e brincadeiras (ver anexo 1) consideram-nos como parte integrante da aprendizagem infantil “ *reconhecendo não haver nada significativo na estruturação e no desenvolvimento de uma criança que não passe pelo brincar*”.

De seguida apresentaremos como é que os jogos e brincadeiras entraram na vida das nossas entrevistadas.

Gráfico 8 – Jogos mencionados pelas entrevistadas

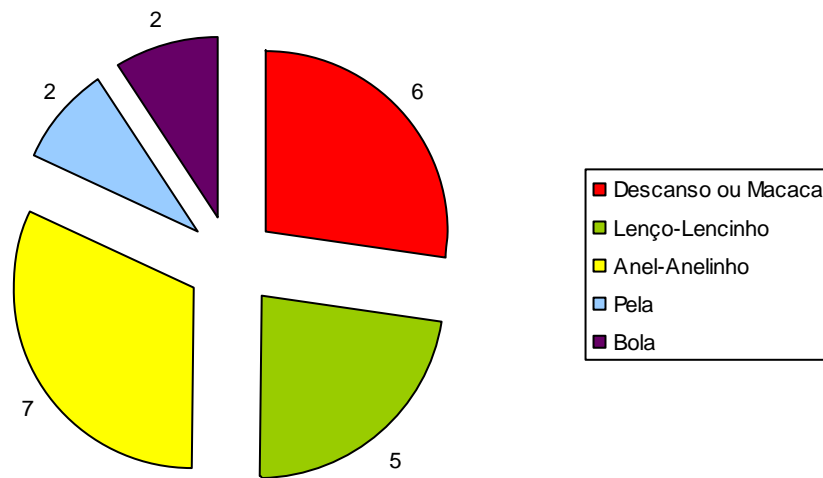
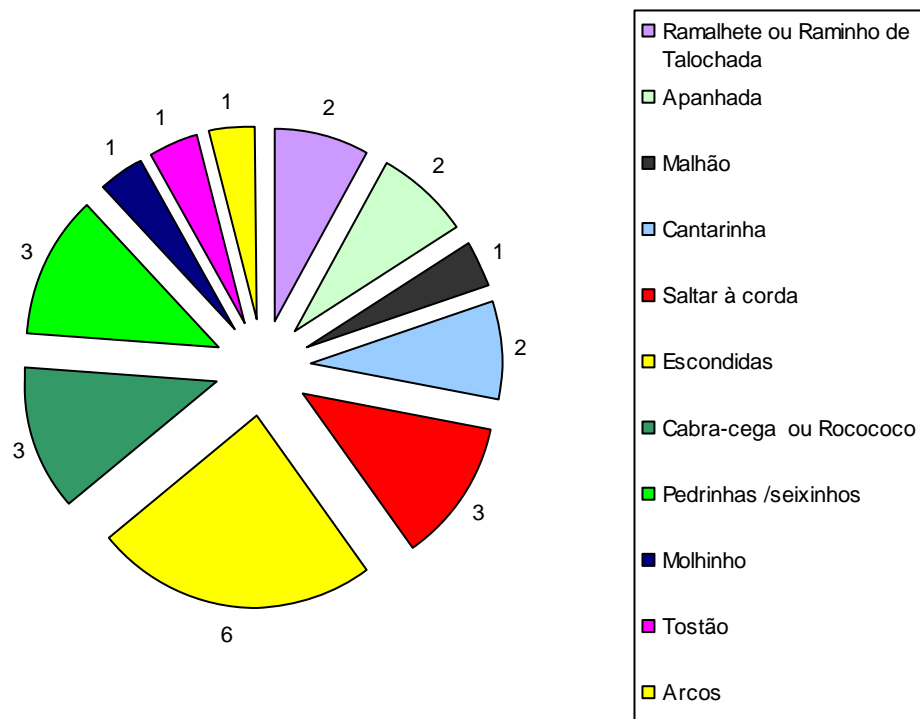


Gráfico 9 – Brincadeiras mencionados pelas entrevistadas



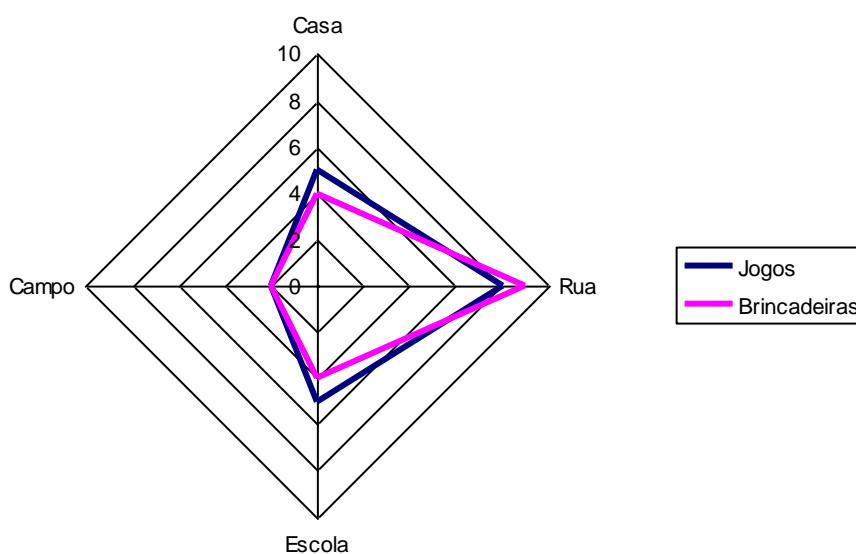
Dos jogos mencionados pelas nossas idosas e como o gráfico 8 mostra, o jogo mais referido é o jogo do anel-anelinho com 7 menções, seguido da macaca ou descanso e lenço-lencinho com 6 e 5 referencias respectivamente.

Das brincadeiras referidas pelas entrevistadas e como o gráfico 9 indica, a brincadeira mais mencionada é as “escondidas” com 6 referências. De referir que existem brincadeiras que são apenas mencionadas por uma idosa, entre eles o” malhão, arco, tostão e molhinho”.

Como a maior parte das idosas referem os mesmos jogos e brincadeiras, somos levados a concluir que estes jogos são tradicionais da zona centro de onde estas idosas são oriundas, por outro lado, são jogos simples em que é preciso pouco material e de fácil aquisição o que pode ter a ver com a situação económica das entrevistadas na altura. É interessante referir ainda que, durante as entrevistas as idosas, por vezes, referiam-se ao mesmo divertimento apelidando-o, indiscriminadamente, umas vezes de jogo outras de brincadeira.

A maior parte dos jogos e brincadeiras eram realizados ao ar livre “*quando guardava o rebanho*” ou “*à porta de casa*”, em espaços amplos que a zona rural pode proporcionar.

Gráfico 10 – Local de realização das actividades lúdicas



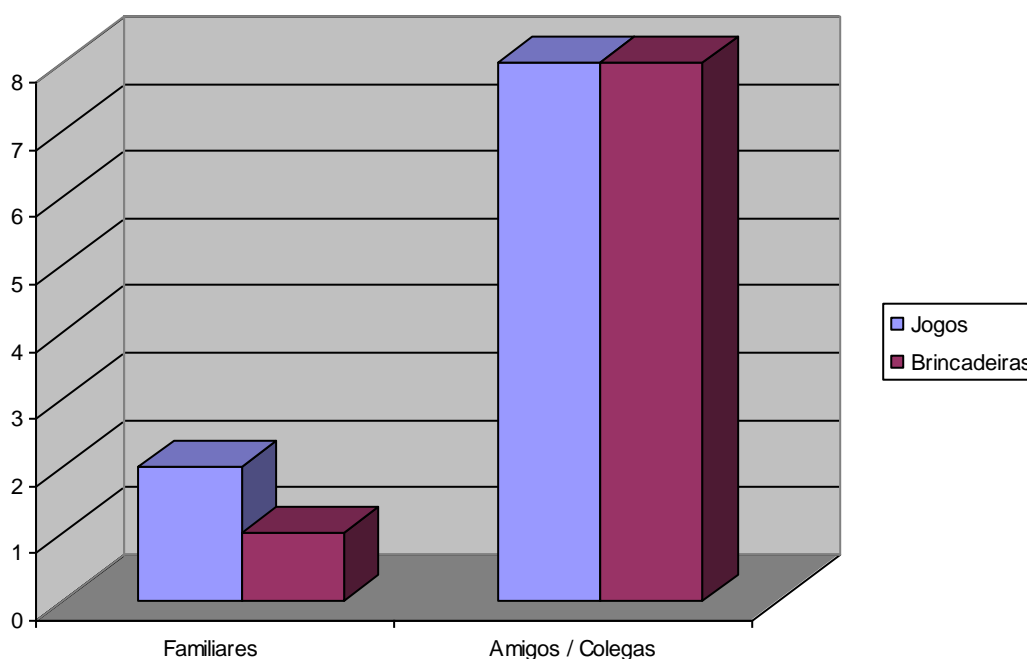
Antes de passarmos a análise do local da realização das actividades lúdicas, importa estabelecer o que entendemos por cada um dos locais. Interpretámos que casa é apenas o prédio; por escola entende-se o recinto escolar; por campo, o local de trabalho e por rua, todo o espaço que se situe fora de casa, da escola e do local de trabalho.

Estes jogos e brincadeiras eram praticados por várias crianças, era normal a escolha de um local com espaço para a sua prática, daí a rua ter sido mais vezes mencionada pelas nossas entrevistadas, quer para a realização dos jogos, quer das brincadeiras. As actividades lúdicas eram realizadas, como nos contam as inquiridas “na rua, à porta de casa” onde houvesse “uma rua mais direita” ou “no adro da igreja” mas também na “escola, durante os intervalos” em “casa, no pátio”, ou até mesmo no campo “quando guardava o rebanho”

Estas actividades lúdicas não têm um espaço pré-definido, não são específicas para ser realizadas num determinado lugar, pelo que algumas das nossas entrevistadas responderam que alguns jogos ou brincadeiras tanto poderiam ser realizados na rua, na escola ou em casa.

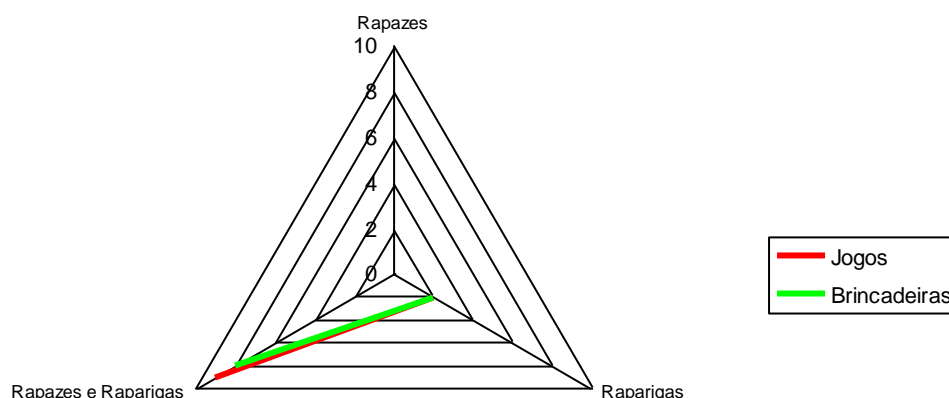
Se analisarmos o gráfico 4 referente à escolaridade e o compararmos com o gráfico 10, acima referido, constatamos que 5 das entrevistadas que concluíram a 4ª classe, referem que o local onde brincavam com mais frequência era na escola.

Gráfico 11 – Aprendizagem das actividades lúdicas



Como podemos verificar no gráfico 11 a esmagadora maioria das idosas aprendeu as actividades lúdicas com outros amigos ou colegas. Estas práticas lúdicas são bastante antigas e vão passando de geração em geração e segundo as entrevistadas a aprendizagem não foi feita directamente com os familiares, mas sim com “*outras crianças*”, isto porque os pais tinham vidas atarefadas, onde “*o trabalho de sol a sol era rei*” (Barbosa. e Costa, 1997, p.5). Sendo estas práticas lúdicas simples de apreensão fácil e em que as regras eram básicas e o material rudimentar é lógica que estas fossem ensinadas por outras crianças ao serem integradas na brincadeira ou no jogo.

Gráfico 12 – Intervenientes nas actividades lúdicas



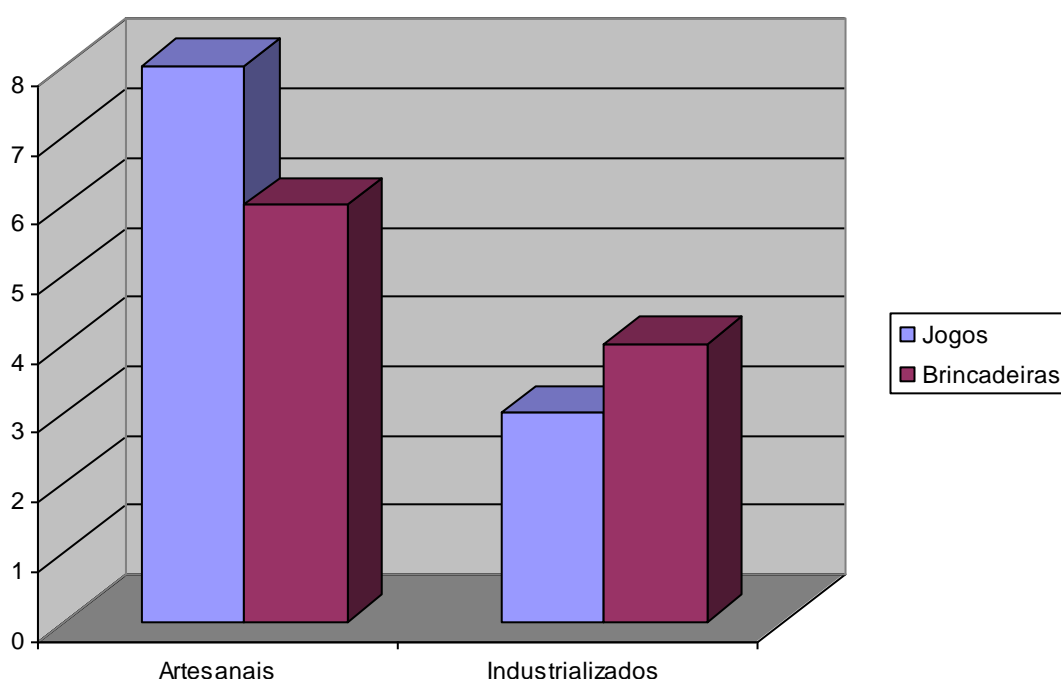
Como já foi referido na revisão bibliográfica quando se tratava de brincar com bonecas os rapazes não participavam nesta brincadeira, dita de raparigas, e as raparigas também não participavam nos jogos dos rapazes, no entanto, em jogos e brincadeiras de grupo todos brincavam, rapazes e raparigas.

Isto é bem visível no gráfico 12 que indica que a esmagadora maioria dos jogos e brincadeiras eram realizados “*com quem quisesse jogar*” com “*rapazes e raparigas*”. No entanto, existem algumas excepções, havendo algumas actividades lúdicas onde só brincavam ou jogavam raparigas, como é o caso do jogo do Anel-anelinho, o arco, cabra-cega e saltar a corda, para algumas das entrevistadas.

De notar que para uma idosa a grande maioria dos jogos e brincadeiras eram realizados apenas com raparigas, porque como nos relata, “*...quase nunca brincava com rapazes,*” Também a obrigatoriedade, devido a questões políticas, em separar os

rapazes das raparigas nas escolas, criando as escolas femininas e masculinas, levava a que muitos jogos e brincadeiras fossem realizados separadamente, como refere a entrevistada, “*nem na escola*” e que é corroborado por Carvalho (1986) quando diz que os dirigentes consideravam grave a presença de meninos e meninas na mesma sala de aulas “Esta separação por vezes repetia-se fora da escola por imposição dos pais. ...”*Nós não nos chegávamos lá muito aos rapazes, a minha mãe não deixava*”.

Gráfico 13 – Material utilizado nas actividades lúdicas

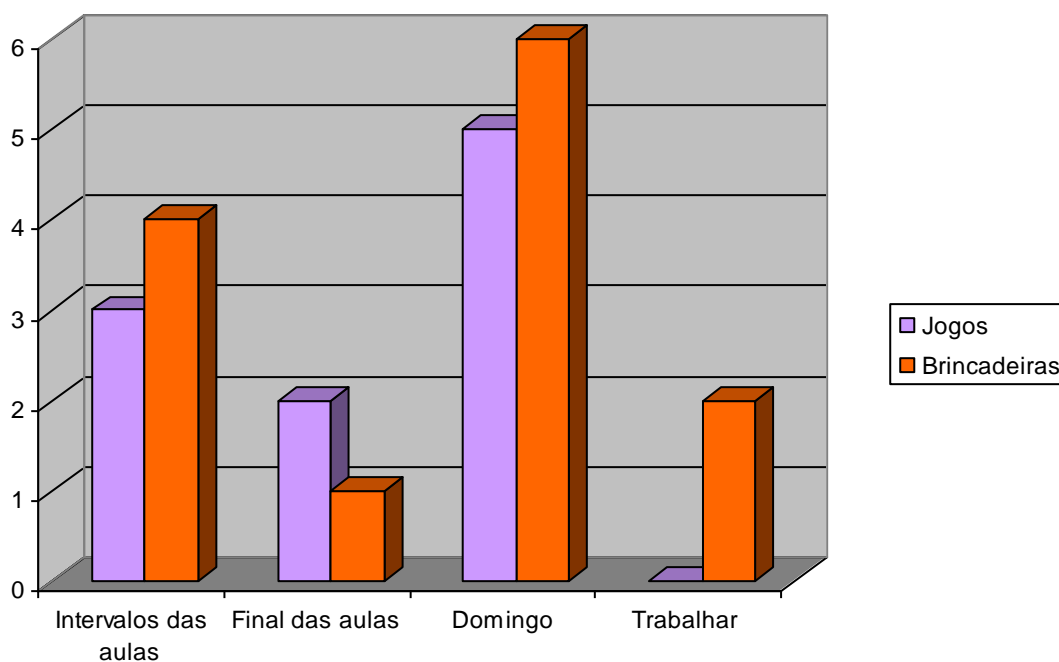


Segundo a bibliografia existem vários tipos de materiais utilizados nos jogos e brincadeiras, podendo ser feitos artesanalmente ou comprados. Teixeira (1997) refere que noutros tempos eram as próprias crianças que construía todos os objectos ou instrumentos de diversão. Segundo a interpretação do gráfico 13, podemos verificar que tanto nos jogos como nas brincadeiras, o material artesanal era em maior número do que o industrializado.

Podemos encontrar referência a materiais artesanais como o “*pedaço de telha*”, “*caco de tijolo*” utilizados na macaca, pois eram as próprias crianças que davam forma ao objecto, “*bolas de meias*”, “*pedrinhas*”, “*seixinhos*”, “*molho de ervas*”, “*anel*”, “*lenço*”. De entre os objectos industriais, apresentam a “*corda*”, “*cantarinha*”, também todos de baixo custo.

Como já foi referido na revisão da literatura, em meados de 1940 cerca de 80% da população vivia da agricultura, o industrial ainda não estava desenvolvido, logo pensamos que grande parte destes objectos referidos pelas nossas entrevistadas eram feitos por artesões locais, e portanto, também de fácil acesso

Gráfico 14 – Tempos destinados às actividades lúdicas



Pela visualização do gráfico 14 podemos verificar que tanto nos jogos como nas brincadeiras, o “domingo” é o dia por excelência para realizar as actividades lúdicas, isto porque era no domingo, segundo Barbosa e Costa (1997) que havia um tempinho disponível “a juntar a umas migalhas de descontração que o intervalo das tarefas diárias propiciava”.

Como foi referido na caracterização da nossa amostra, nove das dez entrevistadas andaram na escola, logo os “intervalos das aulas” também foram referidos para a realização das actividades lúdicas, bem como o “final das aulas”. Este último não é referido muitas vezes porque após o final das aulas as inquiridas tinham que “aprender uma profissão”

Brincar quando se está a trabalhar foi referido por duas entrevistadas. Estas, apresentam uma infância dedicada ao trabalho rural, onde “*guardavam o rebanho*”, sendo este momento o espaço para as suas brincadeiras e divertimentos.

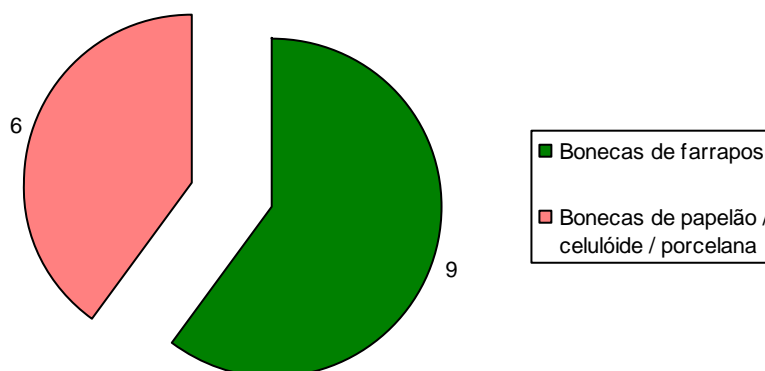
3.2 – BRINQUEDOS

Muitos dos brinquedos, nesta época, eram realizados pelas próprias crianças, umas porque era a única forma de terem acesso a eles, e outra porque a produção dos brinquedos pela criança era, já de si, uma brincadeira ou um jogo, com consequências de toda a ordem no plano do desenvolvimento físico, psicológico, social e cultural. (Amado, 2002)

Porque a população entrevistada é toda do sexo feminino a “produção” de brinquedos pelas próprias é pequena resumindo-se apenas às bonecas de trapos, no entanto, se formos para o universo masculino há uma enorme variedade de brinquedos confeccionados pelas próprias crianças.

Iremos de seguida fazer referência aos brinquedos referidos pelas entrevistadas, “...*todas as meninas do meu tempo brincavam com bonecas...*”

Gráfico 15 - Brinquedos utilizados pelas entrevistadas

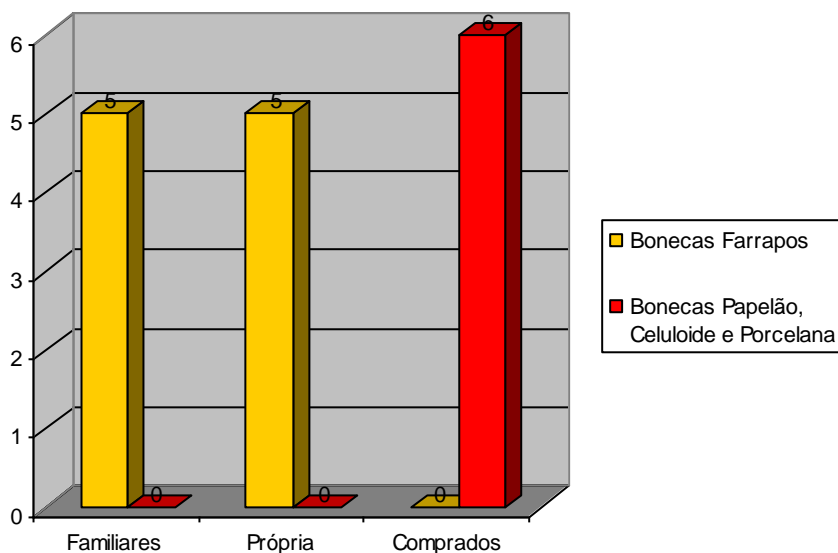


Como é observável no gráfico 15 todas as entrevistadas brincavam com bonecas, em especial com a boneca de farrapos, que segundo Amado (2002) fazem parte da

infância e das brincadeiras de muitas raparigas, “estas tem verdadeira cegueira por bonecas de farrapos” (p. 57) e Ribeiro (1997) refere a boneca como “um dos mais antigos objectos de brincar que a humanidade conheceu” (p. 60)

O **material utilizado** para a confecção da boneca de farrapos e segundo as nossas entrevistadas era predominantemente os “farrapos” também designados algumas vezes por “trapos”, que consistiam em roupa velha, pedaços de roupa nova ou panos. O corpo principal da boneca era feito com este tipo de material, que “arranjavam lá por casa”. Para a sua confecção eram também utilizados outros materiais, como seja a “esteira”, “papel e farelos”, “meia cor-de-rosa” talvez para tornar a boneca mais colorida e ser diferente da da outra criança, utilizando ainda “cabos de vassoura, linhas, barbas de milho”, etc. Já as bonecas de compra era feitas com materiais mais sofisticados como o “papelão”, “celulóide” e “porcelana ou louça”.

Gráfico 16 - Quem confeccionava as bonecas



Segundo Volpato (2002) com a boneca, a criança ia treinando habilidades e adquirindo hábitos importantes para as mulheres, como o facto de aprender a costurar.

Apesar das nossas entrevistadas terem vivido em zonas próximas com usos e costumes muito semelhantes a forma de confeccionar os seus brinquedos e o material

utilizado podia variar, assim, o meio para chegar à boneca é certamente diferente e variado.

Como podemos verificar no gráfico 16, a confecção das bonecas de farrapos poderia passar pela criança a construir a sua própria boneca, “*fiz muitas bonecas de trapos*” porque “*a minha mãe ensinou-nos a fazer*” sendo uma forma de aprender a confeccionar a sua roupa e a da família para ser uma boa dona de casa. Há medida que iam praticando, iam aprendendo a fazer bem, porque a mãe “*não admitia que ficassem mal*”,

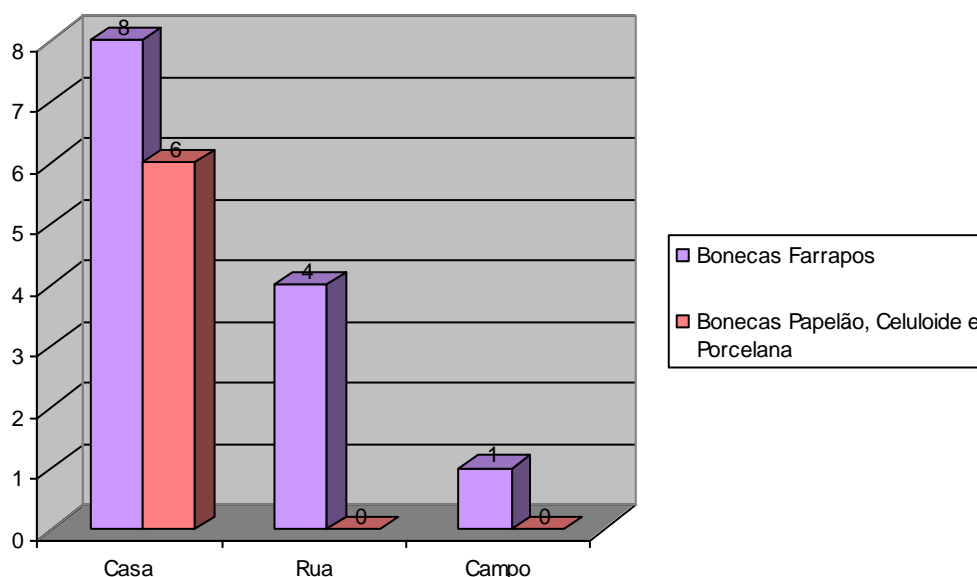
Podiam também ser confeccionadas por familiares mais chegados, destacando a irmã, madrinha, mãe, ou tia.

Por seu lado as bonecas de papelão, celulóide e porcelana eram “*compradas*” ou “*oferecidas*” (6 referências) ou “*a gente pedia para comprar*”.

Segundo Ribeiro (1997) em muitos casos, devido ao alto custo do brinquedo, a criança nem pode brincar com liberdade, sob a pena de o estragar. “*Quando o brinquedo é oferecido como prova de status, para satisfazer a vaidade do adulto, as recomendações quanto ao seu uso são tantas, que restringem a actividade lúdica*” (p. 55), sendo confirmada esta ideia pelas entrevistadas quando referem que muitas das bonecas que eram oferecidas ou compradas não podiam ser utilizadas para brincar, por restrição dos pais, “*as de porcelana eram compradas, mas com essas a gente não podia brincar, essas eram para enfeitar*” referindo ainda que essas estavam “*na sala sentadas nas cadeiras*”.

Para a confecção das bonecas de farrapos não se gastava muito tempo, “*era um instante...nem que ficasse mal a gente não se importava*”, mas os relatos apontam para o tempo de confecção de “*meia hora*”, “*um quarto de hora*”, “*uma hora ou duas*” ou até mesmo “*tardes*”, porque “*havia sempre alguma coisa para fazer*”.

Gráfico 17 - Local da brincadeira com as bonecas



Depois da produção da boneca, passavam para a brincadeira, que era feita predominantemente em “*casa*” (gráfico 17)

Como refere Silva (2004, p. 123) “*os meninos dispunham de ruas para brincar, enquanto que às meninas cabiam locais mais fechados, como quintais, dentro de casa...e as meninas tinham menos tempo para brincar pois tinham que ajudar nas tarefas domésticas*”.

Outros locais como a “*rua*” também foram referenciados não só à porta de casa, mas também no “*adro da igreja*”, com apenas 1 idosa a referir que brincava no “*campo, quando estava a guardar o rebanho*”.

O local de realização das brincadeiras com as bonecas de papelão, celulóide ou porcelana eram essencialmente “em *casa*”, talvez porque o material era mais frágil e havia mais probabilidades de ele se estragar.

Em relação ao local e estabelecendo uma comparação entre jogos, brincadeiras e brinquedos e segundo a análise do gráfico 10 e gráfico 17, podemos verificar que para os jogos e brincadeiras o local mais indicado para a realização das actividades lúdicas é a rua, enquanto que para brincar de bonecas o local preferido é a casa, isto porque na “*rua podiam-se estragar*”.

O **modo de confecção** de cada boneca varia consoante a cultura onde está inserida, dos ensinamentos a que foi sujeita e do próprio material utilizado. (anexo...)

Podemos encontrar nos nossos registos bonecas feitas apenas só com “*farrapos enrolados*”, ou utilizando outros tipos de materiais e modos de confecção, colocando “*farelos num papel*” ou mais sofisticadas, “*todas em pano, todas costuradinha*”, feitas de “*uma meia cor-de-rosa*” em que “*se enchia e depois vestia-se*”, sendo feitas “*à mão, com agulhas e linha*”. Na feitura destas bonecas havia o cuidado de obter as formas mais parecidas com o ser humano, para isso “*púnhamos braços e pernas de esteira*”, “*fazíamos-lhes uma cabeça, uns olhos e a boca com umas linhas*”, as pernas eram de “*cabo de vassoura*” e até o cabelo não era descurado arranjando para isso “*barbas de milho*”, fazendo “*tranças*” e outras vezes “*chapéus*”. No próprio processo de produção de uma boneca a criança já está a brincar, moldando os materiais e dando significado às formas.

Brincar com bonecas é considerado como uma manifestação do instinto maternal (Amado 2002). A grande maioria das brincadeiras com bonecas passava por “*fazer de conta que eram umas filhas*”. É este instinto materno que o autor menciona, que faz com que a criança se torne mãe, tia ou avó, “*fazendo roupas, aventais, blusas, saís e vestidos*” e até realizando “*baptizados*” e “*dando-lhes de comer*”.

Para Bomtempo (1999) brincar com as bonecas de diferentes formas, está intimamente ligada à relação da menina com a mãe e revela a necessidade que a criança tem de ser consolada e tranquilizada. Os relatos contam que traziam a boneca ao colo “*como se de uma pequenita se tratasse*”, fazendo de conta que era “*um bebe*”, transpondo para si o papel de mãe ao “*abraçá-las, dar-lhes mimos e beijá-las como se fossem minhas filhas*”.

Volpato (2002) refere que em idade pré-escolar a brincadeira de faz-de-conta é a principal actividade da criança, enquanto que em idade escolar, os jogos e as regras já se tornam mais importantes, daí que inicialmente as brincadeiras sejam solitárias, “*quando era pequenita brincava sozinha*”, mas “*quando já era grande não brincava sozinha...ia com as outras*”. As amigas vão aparecendo, e as brincadeiras vão-se tornando colectivas, onde “*cada uma tinha a sua boneca...mas brincávamos todas*”.

As bonecas eram pertença das próprias crianças que as transportavam para todo o lado, brincavam com elas ao sol, à sombra conforme as estações do ano, levam-nas para o campo e até para a cama, no entanto, raramente eram levadas para a escola. Ai, elas dedicavam o tempo ao estudo e nos tempos livres jogavam ou brincavam em grupo,

“na escola brincava aos livros” e não levavam a boneca, “porque a professora escondi-as...para a gente não perder tempo com elas”.

O modo de brincar com as bonecas de papelão e celulóide não difere do modo de brincar com as bonecas de farrapos, já anteriormente descritas, a diferença reside nas bonecas de porcelana ou louça que serviam apenas *“para enfeitar a cómoda”.*

O sentimento, a expressão e a forma como as entrevistadas falavam das bonecas e das suas brincadeiras com elas, facilmente nos leva a constatar *“qual era o brinquedo a que dava mais importância”*, pelo que a grande maioria respondeu, que *“para mim era a boneca que eu gostava mais”* ou *“o que a gente queria eram bonecas”.*

É cada vez maior a importância que se atribui à actividade lúdica e às funções educativas e de relação que esta pode desempenhar. Não é possível voltar mais a este tipo de brinquedos, jogos e brincadeiras que jogavam as nossas entrevistadas, como forma única de brincar, porque o conhecimento evoluiu e a variedade de brinquedos que a indústria oferece é variada e apelativa, no entanto, tal como refere Amado (2002) embora não sendo possível, pelo menos de forma espontânea, voltar mais aquele tipo de brinquedos, jogos e brincadeiras é preciso apreender a lição que se encerra em tão humildes objectos ou em tão simples formas de brincar.

CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Ao chegarmos ao momento final do nosso trabalho e tendo em conta a análise dos resultados obtidos pretendemos tirar algumas conclusões que nos pareceram mais significativas.

O nosso estudo recaiu no grupo etário dos 75 aos 80 anos, com mais incidência nas idades dos 75, 79 e 80 anos, em que a grande parte destas idosas viveram na sua infância em zonas rurais, algumas delas trabalhavam na agricultura e exerciam tarefas ou profissões como doméstica. Apesar de nesta época as mulheres terem dificuldades em frequentarem a escola devido à situação política do país, metade conclui a 4ª classe, apenas uma não sabe ler nem escrever.

Em relação à caracterização das condições sócio-políticas e culturais do país a maioria das idosas inquiridas tinha pouca noção da situação política, pois como algumas referem “*nem se falava em politica*”, outras referem que a situação era diferente da actual.

Em relação ao papel da mulher na sociedade de então uma grande parte, referem que eram donas de casa/domésticas e trabalhavam na terra. Em relação ao estatuto as mulheres consideravam-se excluídas da sociedade ou apresentavam profissões como professora ou chefe de correios.

No que respeita as condicionantes das expressões lúdicas, estas eram condicionadas em grande parte pelo trabalho, a maioria das inquiridas respondeu que não havia ou não se lembra de condicionantes das actividades lúdicas.

Em relação aos jogos, brinquedos e brincadeiras as entrevistadas referem uma grande variedade de actividades lúdicas. Algumas vezes deparamo-nos com procedimentos iguais mas com nomes e materiais distintos, dependendo da zona de proveniência da entrevistada.

No que concerne aos jogos mais mencionados, podemos encontrar o jogo do anel-anelinho mais referido, seguido do descanso ou macaca e do lenço-lencinho.

Das brincadeiras mais referidas salientamos as escondidas, seguido da cabra-cega ou rocococo e do saltar a corda.

Todo este leque de jogos e brincadeiras, como actividades de grupo, eram mais realizados na rua, onde a dimensão do espaço era maior.

Por seu lado, brincar com bonecas, era repartido por locais como a casa ou na rua, com outras colegas, sendo por vezes uma brincadeira solitária.

A aprendizagem destas actividades lúdicas foi feita na sua grande maioria com outras crianças, isto porque os pais passavam a maior parte do tempo a trabalhar para sustentar a família.

Nestes jogos e brincadeiras de grupo, tanto podiam brincar rapazes e raparigas, mas por outro lado quando se tratava de brincar com as bonecas o grupo restringia-se apenas às raparigas.

Estas actividades lúdicas eram bastante simples e fáceis e com um simples objecto poder-se-ia iniciar um jogo ou brincadeira, sendo o material utilizado muitas vezes feito artesanalmente. O material industrializado utilizado nos jogos e brincadeiras muitas vezes fazia parte do quotidiano das próprias crianças, como os lenços, anéis, etc.

Como já foi referido anteriormente, a grande maioria das nossas entrevistadas frequentou a escola, logo os intervalos das aulas serviam para descontrair e brincar um pouco. Mas havia um dia por excelência dedicado ao lazer, que era o domingo, onde todos se juntavam e se divertiam um pouco. As entrevistadas fazem referência também ao brincar e jogar depois das aulas, bem como durante o período de trabalho.

Sendo as nossas entrevistadas do sexo feminino não poderia faltar a boneca como meio de diversão, a maioria referiu que possuíam bonecas de farrapos, por si confeccionadas e bonecas de papelão, celulóide e porcelana.

O material utilizado para a confecção das bonecas e relativamente às bonecas de farrapos eram os “trapos” que consistiam em pedaços de roupa velha. Para completar a boneca utilizavam outros tipos de materiais de fácil acesso como barbas de milho, meias, etc. Os modos de confecção são variados e a maneira de brincar resume-se a uma frase usada por quase todas as entrevistadas *“brincava com ela como se fossem umas filhas”*.

Apresentadas as conclusões, fazemos as seguintes sugestões para trabalhos futuros: realizar um estudo comparativo entre duas populações, como por exemplo populações do interior e do litoral, onde provavelmente as actividades lúdicas são diferentes e nos daria uma perspectiva mais abrangente, para no futuro podermos trabalhar com estes grupos etários a nível da recreação, tendo em consideração o seu passado.

Outra sugestão seria a realização de um estudo com população masculina e feminina com mais de 65 anos, porque as formas de jogar e brincar e os próprios brinquedos provavelmente serão diferentes.

BIBLIOGRAFIA

- ACOSTA, Marco A. F. (2000) – A ludicidade na terceira idade in SANTOS, Santa M. P. (2000) – *Brinquedoteca: A criança, o adulto e o lúdico*. Petrópolis. Editora Vozes Limitada.
- ADAMUZ, Regina C. e tal (2000) – Você gosta de brincar? Do quê? Com quem? in SANTOS, Santa M. P. (2000) – *Brinquedoteca: A criança, o adulto e o lúdico*. Petrópolis. Editora Vozes Limitada.
- AMADO, João da Silva (2002) – *Universo dos Brinquedos Populares*. Coimbra. Quarteto Editora
- AMIGUINHO, Abílio (1992) – *Viver a formação construir a mudança: estudo de caso baseado numa experiência de inovação – formação; Projecto ECO-Arronches*. Lisboa: EDUCA
- BERGER, L., (1995) - Aspectos biológicos do Envelhecimento. In Berger, L. & Mailloux-Poirier, D., eds (1995). *Pessoas Idosas : Uma Abordagem Global* (p. 123-153). Lisboa: Lusodidacta.
- BERTOLDO, Janice & RUSCHEL, Maria A. M (2000) – *Jogo, Brinquedo e Brincadeira – uma revisão contextual* in <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=35>
- BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari (1994) – *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Lisboa. Porto Editora.
- BARDIN, Laurence (1977) – *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

- BOMTEMPO, Edda (1999) – A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org) – *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 3ª Edição. Cortez editora, S.P.(p. 57-71)
- CALLOIS, A. (1990) – *Os jogos e os Homens: a máscara e a vertigem* (s.ed). Lisboa: Edições cotovia, Lda
- CARVALHO, Rómulo (1986) - *História do ensino em Portugal - Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar Caetano*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. (p. 719 – 813)
- EMERIQUE, Paulo Sérgio (2004) – Aprender e ensinar por meio do lúdico. In SCHWARTZ, Gisele Maria (org) – *Dinâmica lúdica: novos olhares*. Editora Manole. Barueri, S.P. (p. 3-17)
- FENALTI, Rita de Cássia de Souza (2004) – A conduta lúdica e a terceira idade. In SCHWARTZ, Gisele Maria (org) – *Dinâmica lúdica: novos olhares*. Editora Manole. Barueri, S.P. (p. 87-107)
- FONTANA, Carlos Eduardo (1997) – *A socialização de crianças através de jogos* in <http://www.brazcuba.br/professores/sdamy/mfcn02.htm>
- GÁSPARI, Jossett Campagna De (2004) – O lúdico e as inteligências múltiplas: caminhos a desvelar. In SCHWARTZ, Gisele Maria (org) – *Dinâmica lúdica: novos olhares*. Editora Manole. Barueri, S.P. (p. 147-169)
- GHIGLIONE, Rodolphe & MATALON, Benjamin (1978) – *O inquerito; teoria e prática*. Paris: Celta Editor
- GOETZ, S. P. & LECOMPTE, M. D (1998) – *Etnografía y diseño cualitativo en investigación educativa*. Madrid: Ediciones morata.

- HERBERT, M. L. & BOUTIN, H. (1994) – *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (1991) – *Estatísticas Demográficas*. Lisboa. INE.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2001) – *Estatísticas Demográficas*. Lisboa. INE.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida (1999) – O jogo e a educação infantil. In KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org) – *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 3ª Edição. Cortez editora, S.P. (p. 13-43)
- LIMA, J. & SILVA, A. I., (2002). Ser idoso: estudo de uma população. *Revista Geriatria*. Vol. 14, nº 140, (p. 12-18).
- MARQUES, A. H. de Oliveira (1995) – *Breve história de Portugal*. Editorial Presença. Lisboa. (p. 561-676)
- MARTINS, R. & GOMES, G. (2002). Exercício físico no idoso: estudo comparativo da condição física num grupo de idosas sedentárias, antes e após um programa de exercícios físicos. *Revista Geriatria*. Vol. 15, nº 147, (p. 9-18)
- MÓNICA, Maria F. (1996) – Os costumes em Portugal: *Cadernos do público*. Lisboa. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Público.
- MUSEU NACIONAL DO TRAJE (Julho de 1984 a Janeiro de 1985) - *O Brinquedo Português do Post-Guerra ao Plástico*. Ministério da cultura – Instituto Português do Património Cultural
- PERALTA, E. & SILVA, M. E. D., (2002). Perspectivas da velhice em idoso com diferentes situações de vida. *Revista Geriatria*. Vol. 15, nº 148, pp. 9-16.

- PIRES, José & PIRES, Gláudia Nascimento da Luz (1992) – Atividade Lúdica e Aprendizagem. *Revista Portuguesa de Pedagogia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação*. Ano XXVI. N.º 3. (p. 379-391).
- PORTO, Cristina Laclette (2003) – *Brincadeira ou actividade lúdica* in <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/jbdd/teimp.htm>
- PORTO, Laclette Cristina (2003) – *O brinquedo como objecto de cultura* in <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/jbdd/teimp.htm>
- QUARESMA, Maria de Lurdes Baptista (1982) – Auto gestão da velhice: finalidade da intervenção social. *Boletim de Educação Sanitária*. Lisboa. Vol. 5, n.º 1, (p.34-40).
- RIBEIRO, Paula S. (1997) – Jogos e brinquedos tradicionais in SANTOS, Santa M. P. dos (1997) – *Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos*. Petrópolis. Editora vozes.
- RICHARDSON, Robert Jarry e tal (1989) – *Pesquisa social: Métodos e Técnicas*. 2º Ed. S Paulo: Editora ATLAS.
- SAN MARTIM, Herman; PASTOR Y ADALGUR, Vicent (1990) – *Epidemiologia de la vejes: Que edad tendrá usated cuand cumpla 70 anos?* Madrid: Interamericana. McGraw Hill.
- SILVA, Renata Laudaes (2004) – Lazer e Género: suas relações com o lúdico. In SCHWARTZ, Gisele Maria (org) – *Dinâmica lúdica: novos olhares*. Editora Manole. Barueri, S.P. (p. 111-129).
- SKINNER, J., (1989). Biological, functional and chronological age. In Spidurso, W & Eckert. H. eds. (1998). *Physical Activity and Aging. American Academy of Physical Education. Papers*, 22 (p. 65-68). Champaign, Illinois: Human Kinetics.

- SOUSA, Alberto B. (s.d) – *Ludoterapia* in <http://albertosousa.planetaclix.pt/ludoterapia.htm>
- SPIDURSO, W. (1995). *Physical dimensions of aging*. Publishers, Inc. Champaign, Illinois: Human Kinetics.
- TEIXEIRA, Elizabeth (2002) – *As três metodologias: Acadêmica, da Ciência e da Pesquisa*. 4ª Edição Revista e ampliada. Belém: UNAMA.
- TEIXEIRA, Madalena Braz & BARROCO, Carlos (1987) – *O brinquedo Português. Coleção Património Português*. Bertrand Editora
- UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Faculdade de Educação: FACED - *O lúdico e a arte de contar histórias* in <http://www.faced.ufba.br/~ludus/trabalhos/2002.1/ludarthi.doc>
- VOLPATO, Gildo (2002) – *Jogo, brincadeira e brinquedo. Usos e significados no contexto escolar e familiar*. Cidade Futura. Florianópolis.